

Armadilha para idosos no Natal

Bancos e financeiras tentam convencer aposentados e pensionistas a comprar dinheiro em prestações mensais

A maioria dos beneficiários do INSS recebe um salário mínimo por mês. No entanto, esses aposentados e pensionistas são o alvo principal de bancos e financeiras, interessados em vender dinheiro a prazo com desconto garantido em folha de pagamento. O assédio a pessoas de renda baixa, porém garantida, intensificou-se a partir do início deste ano e recrudescer agora, com a proximidade do Natal, como observa o professor Sérgio Antônio Carlos, da UFRGS. Mas, para o advogado Décio Scaravaglione, o empréstimo

consignado (instituído por lei no ano passado) será inconstitucional se comprometer a médio e longo prazo o ganho de aposentados e pensionistas, o que, segundo ele, já está acontecendo. Enquanto isso, o delegado Aníbal Germany, da Delegacia de Polícia de Proteção ao Idoso, investiga casos em que há suspeita de irregularidade e até de estelionato. Esses casos aparecem entre situações mais comuns de que os idosos são vítimas, como exploração e maus-tratos por parte de parentes e vizinhos. **Página 5**

Autocontrole garante boas chances no vestibular

Campus Suor nas palmas das mãos, nervosismo, dores de barriga e de cabeça são os sintomas mais frequentes entre os candidatos, quando o vestibular se aproxima. O que é melhor? Dormir mais, dormir menos, mudar a alimentação ou continuar com a mesma de sempre, exercitar

a memória e o corpo, passar a noite estudando até um dia antes da prova ou encher o cérebro de informações nos minutos que a antecedem? Especialistas da UFRGS opinam a respeito, falam sobre o estresse e dão dicas simples que podem ser seguidas por todos. **Página 7**

França só para franceses revolta netos de imigrantes

Internacional Diferente do país oferecido aos turistas, no distrito de Seine-Saint-Denis, subúrbio de Paris, a maioria da população é imigrante, predominam as moradias sociais, não há espaços para lazer e falta saneamento básico. Os jovens desta região, onde vivem cerca de 150 mil pessoas, formam a terceira geração de des-

cedentes de imigrantes e foram responsáveis pela condução dos distúrbios ocorridos na França, entre 27 de outubro e 17 de novembro. Segundo professores da UFRGS, a condição de "sociedade supérflua" vivida por estes renegados cidadãos franceses é motivo de permanente estado de conflito. **Página 10**

Alunos da UFRGS driblam o estresse de final de ano

Campus No final de cada semestre, as agendas universitárias ficam lotadas com datas-limite para a entrega de trabalhos, leituras e provas. Cada curso tem suas peculiaridades, e há também a situação diferenciada de calouros e veteranos. Mas o que não falta é o choro: "Professor, dá pra mudar a data da prova?" Enquan-

to alguns alunos revelam suas estratégias para vencer a grande quantidade de compromissos do final do semestre, professores dos cursos de graduação em Matemática, História e Arquitetura analisam as técnicas de negociação adotadas pelos estudantes e aconselham aqueles que encontram dificuldades. **Página 6**

História de paixão pela leitura



Perfil Apaixonada pela leitura e incentivadora de projetos de extensão, a bibliotecária e professora da Fabico, Eliane Moro, foi líder estudantil em plena ditadura e, hoje, está à frente do mais importante núcleo de difusão da leitura da UFRGS. Longe de dar-se por satisfeita, ela ainda arranja tempo para levar carinho e fantasia às crianças internadas no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, junto com um grupo de voluntários tão apaixonados pelas letras quanto ela. **Página 15**

Descobrimo a música desde cedo

Especial O Jornal da Universidade apresenta nesta edição uma reportagem sobre a influência do ensino de música no desenvolvimento de bebês, crianças e jovens. Entre os quatro professores ouvidos, uma idéia ganha unanimidade: aprender música colabora na inserção do indivíduo em sua cultura. As professoras Leda Maffioletti, da Faculdade de Educação, e Esther Beyer, do Instituto de Artes, por exemplo, acreditam que a música aumenta a capacidade de concentração das crianças e pode auxiliar no processo de alfabetização e na sociabilidade infantil. **Página central**



As atividades desenvolvidas por projetos como o Música para Bebês enriquecem o universo musical das crianças

FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Em cada esquina, um agente oferece dinheiro em prestações mensais



Cartas

Muito boa a matéria sobre cotas raciais da edição de novembro. É muito importante que todos tenham acesso às informações, para que não fiquemos envolvidos por pensamentos populistas e anacrônicos que pretendem igualdade sem esforço, nem conquistas pessoais. O Jornal está todo muito bom: diagramação, profundidade das matérias, informações. Parabéns.

Roberto Pauletti
Diretor TVCom

Sou branco, 50 anos de idade, pai de três filhos adultos, ex-professor universitário. Discordo veementemente de Maria Conceição Fontoura, que defende o sistema de cotas. Num país livre como o Brasil, baseado no sistema capitalista de produção, nada mais justo que deva imperar a lei do mais forte. O que falta ao negro é mais estudo, mais capacidade de enfrentar um vestibular público. A luta pela cor é o próprio negro que se impõe, chamando para si foros raciais. Todos somos iguais perante a lei. É a nossa capacidade intelectual que vai determinar nossa igualdade de direitos, e não uma cota forçada no desespero da incapacidade. O que falta ao brasileiro é trabalho e perseverança.

Paulo Renato da Costa
Ex-professor universitário

Cartas para esta seção:
Jornal da Universidade
Av. Paulo Gama, 110
8º andar, CEP 90046-900
Porto Alegre, RS
e-mail: jornal@ufrgs.br

Charge



Gerson Lopes

Espaço da Reitoria

Crescimento e desafio

É de praxe que, em dezembro, se pense sempre em fazer reflexões sobre o ano que chega ao fim. O balanço das realizações e dos projetos não executados dá concretude a um ano de trabalho. Este ano carrega as marcas de muitas atividades, projetos, desafios e, sobretudo, o engajamento de todos os segmentos da Universidade. É quase impossível destacar o que foi mais ou menos importante quando o dia-a-dia da UFRGS é intenso, seja no ensino, na pesquisa, na extensão ou nas suas funções administrativas. As inúmeras premiações recebidas pelos membros da nossa comunidade, nos mais diferentes campos do conhecimento, dão a dimensão do potencial de uma universidade pública, que se projeta através dos seus integrantes. Estamos ain-

da computando os destaques do nosso corpo docente, discente e técnico-administrativo. Mas sabemos que estes números são expressivos.

Em 2005, a UFRGS trouxe para Porto Alegre variadas atividades culturais com espetáculos sendo realizados no Salão de Atos, alguns pela própria Universidade através da Pró-reitoria de Extensão e muitos outros em parcerias. O cinema e o teatro também foram contemplados com sessões gratuitas realizadas em nossos espaços específicos.

Em uma universidade que mostra sua dinamicidade na relação que estabelece com as demais instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, destaca-se o programa Pró-licenciaturas, que vai possibilitar a formação e o aperfeiçoamento de recursos humanos para atuação no ensino básico no Rio Grande do Sul. Este programa assume uma importância ainda mais significativa porque, além de integrar universidades através da educação a distância, forma, recicla e aperfeiçoa recursos humanos para atuar em diferentes escolas.

Nosso crescimento nas distintas áreas do conhecimento, na graduação, pós-graduação, extensão e educação a distância – como o programa em que ora ingressamos – gera novos desafios, que a UFRGS com longa experiência e competência reconhecida terá condições de supplantar. Feliz Natal a todos.

ART. JOSE PEDRO BORTOLINI

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal, Eduardo Pedro Corsetti, Enno Dagoberto Liedke Filho, Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti Machado, Maria Heloisa Lenz e Paulo Francisco Estrella Faria

REDAÇÃO
Editores-chefe
Ânia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra
Ilustrações
Gerson Lopes e José Pedro Bortolini
Revisão
Israel Pedroso
Colaborou nesta edição
Caroline da Silva
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

AIDS: correndo para um tratamento com saúde

Dezembro é o mês internacional da luta contra a AIDS. Este ano, o tema das discussões é "AIDS e racismo". Por isso, nada mais oportuno que divulgarmos o belo trabalho que está sendo desenvolvido em nossa universidade através do "Cuide-se em Forma", um programa interinstitucional de exercício físico e pesquisa direcionado a pacientes HIV/AIDS.

O exercício físico regular traz uma série de benefícios para o organismo, como redução de risco para doenças cardiovasculares e manutenção da massa corpórea em níveis seguros. Mas existe ainda outra peculiaridade: quando em quantidade adequada, ativa o sistema imunológico, isto é, estimula o sistema de defesa contra infecções, envelhecimento e câncer.

Sob a ótica fisiológica, o exercício físico pode ser considerado como um "agente de estresse", porque a atividade física tira o organismo de uma situação de "equilíbrio de repouso" e o coloca em cheque. Mas, ao contrário do que se poderia imaginar *a priori*, o estresse provocado pelo exercício físico não é uma coisa ruim, pois envolve a ativação de sistemas de proteção que acabam ajudando o organismo a se proteger de outras situações de estresse. Um desses sistemas é a via das proteínas de choque térmico, HSP (do inglês, *Heat Shock Proteins*), que são produzidas por todas as células em situação de estresse e, com o exercício físico, não é

diferente. O exercício induz produção de uma classe especial de HSP, as HSP70 que apresentam dois benefícios claríssimos para o organismo: funcionam como auxiliares na ativação do sistema imunológico e bloqueiam a replicação de vírus, incluindo os vírus da imunodeficiência humana adquirida (HIV) que causam AIDS.

Resumindo, a atividade física regular e controlada pode ser um grande aliado na luta contra doenças caracterizadas pela depressão imunológica, como é o caso da infecção pelos HIV. A questão, no entanto, é que não existem estudos conclusivos a respeito de "quanto de exercício" se pode "prescrever" a um paciente portador de HIV.

Nosso Laboratório de Fisiologia Celular (FisCel) investiga o efeito da produção de HSP70 em vários sistemas fisiológicos. Os resultados de nossos estudos mais recentes apontam para a produção de

HSP70 não apenas como um agente de proteção às células de maneira geral, como sugerem que a produção dessas proteínas de defesa por leucócitos (glóbulos brancos, que fazem parte do sistema imunológico) sirva de "marcador" para a quantidade exata de estresse que se está impondo a um indivíduo, quando submetido a uma atividade física regular. Assim, nasceu o "Cuide-se em Forma", um programa de atividade física monitorada especialmente desenhado para indivíduos portadores de HIV, doentes ou não. Nosso objetivo é provocar um cer-

to nível de estresse de tal sorte que a produção de HSP70 pelas células imunológicas fortaleça a resposta do sistema de defesa e reduza a replicação viral. Desta forma, ao invés de atacarmos os vírus HIV com novas drogas, buscamos melhorar a função imunológica estimulando seu combate com a melhor ferramenta terapêutica conhecida: o próprio sistema imunológico.

O programa "Cuide-se em Forma" foi esboçado a partir da tese de doutorado do professor Alexandre Ramos Lazzarotto, que é o responsável pelos programas de treinamento físico no Grupo Interinstitucional de Exercício Físico e Pesquisa Direcionados a Pacientes HIV/AIDS (GEP-AIDS), do qual participam o Laboratório de Pesquisa em Fisiologia Celular do Departamento de Fisiologia do ICBS da UFRGS, o Laboratório de Pesquisa em Exercício da Escola de Educação Física da UFRGS e a Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul, por intermédio de seu Laboratório Central de Saúde Pública. Nos pacientes engajados, o exercício controlado dobrou a quantidade de linfócitos T CD4+ em menos de 6 meses, o que os coloca fora da faixa prescritível de terapia anti-retroviral.

Para facilitar o acesso da comunidade ao programa e permitir que o andamento dos estudos seja acompanhado por todos, nosso grupo criou uma página na Internet no endereço www.ufrgs.br/fisiologia/fisiologia celular. Embora já esteja em funcionamento há mais de um ano, o lançamento oficial



do "Cuide-se em Forma" deu-se no dia 1º de dezembro, Dia Internacional da Luta contra AIDS, durante as atividades do 2º Congresso Internacional de Treinamento Esportivo da Rede Cenesp, realizado no Centro de Eventos da FAURGS em Gramado. Maiores informações também podem ser obtidas pelo telefone 3316-3151.

Paulo Ivo Homem de Bittencourt Jr.
Professor coordenador do Laboratório de Fisiologia Celular

geociências ■
Rio São Francisco

No final de novembro, o Café Geográfico, do Instituto de Geociências, promoveu a palestra "A transposição do São Francisco e a problemática da desertificação no Cariri paraibano", com Bartolomeu Israel de Souza, doutorando vindo da Paraíba. Segundo ele, no Cariri, a região mais seca do país, a transposição do Rio São Francisco pode dificultar o crescimento das plantas, já que o solo tem muito sal. Outro problema é que o gado rejeita a água salgada. Bartolomeu explica ainda que a assistência técnica dos governos estadual e federal é precária. A transposição significa levar a água de um rio, até locais muito secos.

ensino ■
Contabilidade

O contador e professor da UFRGS Nicolau Schwes foi um dos premiados durante a avaliação de trabalhos apresentados na Conferência Interamericana de Contabilidade, na Bahia. Intitulada "Abordagem reflexiva do ensino contábil com responsabilidade e ética", a pesquisa ganhou o Prêmio Hilário Ribeiro na categoria de Trabalhos Técnicos Nacionais. Schwes defende a junção da parte humanística com a técnica, para tornar a profissão contábil menos dura. O pesquisador diz que é necessário conhecer um pouco de psicologia para lidar com o aprendizado humano, pois o professor de contabilidade "é competente tecnicamente, mas a maioria não tem conhecimento dos aspectos psicológicos das pessoas, o que compromete o processo da aprendizagem".

HCPA ■ Alegria que traz saúde



CLÓVIS DE SOUZA FRANCES / HCPA

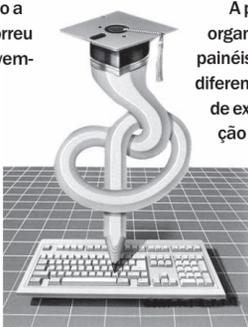
Muita atenção nas brincadeiras e o olhar fixo nos objetos que lembram o Natal: este é o clima em uma das cinco salas de recreação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O HCPA, desde 1979, oferece aos pacientes internados, adultos e crianças, clínicos, cirúrgicos e psiquiátricos, espaços e atividades lúdico-terapêuticas com o objetivo de amenizar os efeitos da hospitalização.

Com seu trabalho pioneiro no Brasil, o Hospital de Clínicas favorece aos pacientes a adaptação à rotina da instituição, possibilitando melhor qualidade de vida. Além dos atendimentos nas salas, os internados em Unidades de Tratamento Intensivo, Ambulatório de Quimioterapia, Unidade de Transplante de Medula Óssea, quartos e áreas restritas, também recebem acompanhamento recreativo, interligando educação e saúde.

Segundo a coordenadora da recreação do hospital, Regina Helena Alves Salazar Sikilero, o trabalho diminui o tempo de internação e melhora a autoestima, fazendo com que o paciente corresponda mais adequadamente aos procedimentos. Podemos resumir todo o encantamento das horas de alegria, na frase de R.S. de 10 anos: "Sem os brinquedos e as tias seria muito chato ficar no hospital".

tecnologia ■ Educação a distância

O I Salão de Educação a Distância da UFRGS ocorreu nos dias 21 e 22 de novembro no Instituto Latino-americano de Estudos Avançados, no Campus do Vale, com o tema "Divulgar para Capacitar". O Salão foi uma ampliação da Mostra de Projetos que vinha ocorrendo no momento de apresentação de relatórios de projetos financiados pelos Editais da Secretaria de Educação a Distância (Sead). Um dos objetivos desta ampliação é divulgar o que vem sendo feito em ensino a distância (EAD) na Universidade, de forma a capacitar professores, alunos e técnicos-administrativos da UFRGS no uso das mídias digitais, tanto na educação a distância quanto na educação presencial.



A programação se organizou em torno de painéis de discussão sobre diferentes temas, com relatos de experiência na implantação de ações em EAD na Universidade. Também foi apresentada a "Mostra Virtual" dos diferentes projetos, agora disponível no site da Sead em <http://www.ufrgs.br/sead>.

O evento contou com as palestras dos professores Alex de Primo (Fabico), Carlos Gerbase (PUCRS e Casa de Cinema-RS) e Cesar Nunes (Escola do Futuro-USP). As atividades do I Salão EAD foram transmitidas pela Internet com o apoio técnico do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted), ampliando o acesso para além dos 150 participantes.

comércio ■ Ação contra a pirataria

A Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic) vem combatendo o comércio ilegal em Porto Alegre através da Operação Nascidouro, que tem como foco os grandes depósitos de produtos piratas, para que estes sequer cheguem às ruas. Em novembro, a Smic iniciou uma ação para retirar os camelôs ilegais, os chamados 'caixinhas', das ruas do Centro. No total, os fiscais apreenderam mais de 26 mil CDs e DVDs pirateados, centenas de relógios de pulso, 1.400 óculos de sol e de grau, 500 pares de tênis chineses, vales-transporte, redes, mantas, carteiras, cintos, bolsas e peças de vestuário. Também foram apreendidos três automóveis em um estacionamento na Rua Comendador Manoel Pereira, 72, que eram utilizados para transporte e distribuição de CDs e DVDs



falsificados no Centro. O objetivo da fiscalização é liberar a área pública, coibindo a instalação dos camelôs invasores e ilegais. Com a medida, a Smic está preparando a área central da cidade para que a população possa fazer compras com tranquilidade e segurança durante as festas de final de ano. A pirataria foi manchete do Jornal da Universidade, edição de novembro.

convênio ■ Biologia marinha

No segundo semestre de 2006, a UFRGS e a UERGS lançarão em Cidreira e Imbé o curso de Ciências Biológicas com ênfases em Biologia Marinha e Costeira e Gestão Ambiental Marinha e Costeira. Os egressos dos cursos estarão aptos a elaborar, coordenar executar projetos, trabalhos, laudos e assessoria, abrangendo organismos e ecossistemas



marinhos e costeiros. O curso, realizado em parceria entre as duas universidades públicas, será desenvolvido nas sedes da unidade da UERGS em Cidreira e do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da UFRGS (Ceclimar), em Imbé. Este convênio abre a possibilidade para que muitos outros venham a ser desenvolvidos pelas duas instituições.

pesquisa ■ Infecções emergentes

Identificar as causas e propor normas para o controle das infecções emergentes que estão preocupando os brasileiros – como por exemplo, a gripe aviária, a febre maculosa e a raiva – é o objetivo do Núcleo de Estudos Estratégicos de Doenças Infecciosas Emergentes da UFRGS. A iniciativa representa o primeiro grupo acadêmico interdisciplinar do País sobre o assunto. Segundo o professor Luciano Goldani, da Faculdade de Medicina, a pesquisa desenvolvida pelo Núcleo deverá ajudar nas políticas públicas de controle e prevenção do Ministério da Saúde. "Vamos procurar identificar as possíveis



causas para o aparecimento dessas doenças e propor estratégias de controle", afirma Luciano Goldani.

Breves

Jovem Cientista
Com uma pesquisa que mapeou as proteínas da lagarta taturana, Ana Beatriz Gorine da Veiga foi a vencedora do 21º Prêmio Jovem Cientista na categoria graduado. Em 1999, Ana Beatriz teve seu trabalho destacado durante o Salão de Iniciação Científica. Na prática, a pesquisa proporcionará tratamentos mais específicos para o veneno da taturana ou, ainda, drogas mais potentes para tratar a trombose. Ela é do Centro de Biotecnologia da UFRGS e ganhará uma bolsa de estudos para cursar o pós-doutorado.

Engenharia
A Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul promove em dezembro a entrega da láurea Engenheiro do Ano 2005. A solenidade contemplará os seguintes profissionais: Manoel Luiz Leão, que receberá homenagem especial; Luiz Fernando Cirne Lima, diretor da Copesul; Paulo Renato Tigre, presidente da Fiergs; Artur Lorentz, presidente da Sulgás, e José Carlos Hennemann, reitor da UFRGS.

Prazer por Viver
Promovido pela Pró-reitoria de Recursos Humanos, o projeto Prazer por Viver tem a finalidade de desenvolver atividades voltadas para o bem-estar de estudantes, professores e técnicos-administrativos. Esse projeto inclui atividades como exercícios de alongamento e relaxamento, respiração e meditação. O local é a Sala Fahrion no segundo andar do prédio da Reitoria. Informações pelos fones 3316-3219 ou 3316-3914.

Medicina
O professor João Ellera Gomes, da Faculdade de Medicina, os alunos Guilherme Caputo e Ricardo Canquerini, do Programa de Pós-graduação em Cirurgia, e a aluna Ilana Kers, do Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas, conquistaram o prêmio anual da Sociedade Brasileira de Ortopedia. O trabalho premiado consiste numa técnica cirúrgica inédita no tratamento da artrose do joelho. Segundo o professor, esta técnica é usada em pacientes que, de outra maneira, seriam obrigados a usar prótese total.

Arquitetura
O Núcleo de Desenvolvimento de Produtos da Faculdade de Arquitetura disponibilizou em sua área de download (www.ndprodutos.ufrgs.br) o sistema Work-Task em sua versão beta. O programa, inicialmente produzido apenas para Windows XP, possibilita o desenvolvimento de planos de obras da construção civil para médio e curto prazos.

Bolsas em dezembro
Este ano, todos os alunos-bolsistas do Sistema de Bolsas da UFRGS (SAE, Prorext e BIC) receberão dois pagamentos em dezembro. No início do mês, receberão a parcela de novembro e, no final, a parcela de dezembro. Essa alteração, gerenciada pela Pró-reitoria de Coordenação Acadêmica (Procad), só foi possível devido à liberação, pela primeira vez, dos recursos destinados às bolsas no exercício de 2005.



ANO NOVO, VIDA NOVA?

As festas de Natal e Ano Novo costumam predispor boa parte das pessoas a fazerem um balanço do ano que se encerrou. Os amigos conquistados, os que se foram, novos afetos, o fim de uma relação complicada, o sucesso profissional, a busca por um novo emprego, um filho que nasce, outro que sai de casa para experimentar a vida por conta própria...

É o final de um ciclo, o que leva muita gente à renovação, à abertura para coisas novas e, conseqüentemente, ao descarte do que já não serve mais. Por exemplo: rever os livros de estimação (aqueles que não se dá nem se empresta), separar os que não nos interessam mais e só ocupam lugar na prateleira, rasgar papel, reorganizar a casa, renovar o guarda-roupa.

Na maior parte dos casos, essa renovação que o novo ano inspira está no plano do abstrato. Em vez de descartar livros ou rasgar papel, nos propomos a afastar idéias antigas que não deram certo, descartar manias que só atrapalharam nossa vida ou propor novos caminhos, sempre com a esperança de que, desta vez, vá funcionar.

Para falar sobre esse assunto tão pessoal,

mas que atinge a maioria das pessoas, o Jornal da Universidade convidou os professores da UFRGS Fernando José da Rocha, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e Edson Luiz André de Souza, do Instituto de Psicologia. Partindo de seus campos de atuação, ambos apresentam diferentes visões sobre o simbolismo da mudança de ano na vida de todos nós.

Uma abordagem filosófica

Fernando José R. da Rocha

PhD do Departamento de Filosofia

Recorremos a Bertrand Russel para fazer a abertura deste texto. Na introdução de sua *História da Filosofia Ocidental* (1952), ele nos diz que “as concepções da vida e do mundo que nós chamamos de ‘filosofia’ são produtos de dois fatores: as concepções religiosas e éticas que nós herdamos, e uma espécie de investigação que poderíamos chamar de ‘científica’, tomando este termo em seu sentido mais amplo”. Isto posto, constata-se que o leque de opções filosóficas é bastante amplo, pois basta que um dos fatores varie para que se tenha uma nova proposta de como ver o mundo e a vida. Optamos por apresentar três cenários: o primeiro será o das sociedades tradicionais, pagãs; o segundo, o da tradição judaico-cristã; e o terceiro, o que nos apontam as recentes descobertas da física realizadas notadamente por A. Einstein, N. Bohr, W.K. Eisemberg, E. Schrodinger e W.Pauli.

Nas sociedades tradicionais, a representação que vigorou foi a de um mundo que se deslocava no tempo segundo um modelo circular. De acordo com o senso comum e a ciência, o que encontramos na natureza são ciclos, que pressupõem uma evolução circular para uns, em espiral para outros. O homem marca tais ciclos por ritos, cuja função primordial é a de remetê-lo à sua origem, de acordo com os mitos fundadores. O rito é uma repetição, repetição simbólica de um ato considerado sagrado, um retorno do mesmo, no tempo sagrado da criação. Portanto, o homem vive inserido na natureza, seguindo ciclos vitais, num contínuo presente místico que se renova a cada ciclo.

Já a cultura de tradição judaico-cristã vive sob a égide da temporalidade histórica, linear. A crença na representação cíclica do tempo dava base de sustentação à do renascimento, esta inconcebível aos dogmas do catolicismo. Um concílio estabeleceu que tais crenças pagãs deveriam ser abandonadas. No mundo cristão, o ho-

Num país tão desiludido como o nosso, que a Filosofia nos traga esperança

mem, supra-natural, vive num tempo concebido como uma linha reta, na qual os acontecimentos ocorrem: desde a gênese, até o apocalipse. Isto se prestou bem para a implantação da crença racionalista em um futuro orientado ao progresso – não à renovação – à devastação da natureza...

Para apresentar o cenário que nos dá a física, servimo-nos de A. Koyré em *Du monde clos à l'univers infini* (1973). Segundo ele, o desenvolvimento recente da física se fez acompanhar de uma revolução intelectual e cultural. Esta levou à destruição da noção que se tinha de mundo, como fechado, hierarquizado, centrado sobre o homem, que herdamos ainda dos gregos. Surge, então, um outro mundo, um universo infinito, no qual a Terra perde a posição privilegiada de outrora, onde os valores dos homens e de suas sociedades não têm mais correlatos nem justificativas. Habitante recente e minoritário de um pequeno planeta de um astro de periferia, o homem deixa de ser um autoproclamado eleito de Deus, para tornar-se um sujeito livre e consciente, num universo que não dá sentido algum a suas esperanças ou a suas escolhas. No entanto nesse espaço aberto, abre-se também a possibilidade de um futuro cíclico, sem ser uma mera repetição do mesmo, o homem inserido num processo dinâmico, juntamente com a natureza.

Num mundo tão conflagrado, e sobretudo num país tão desiludido como o nosso, que a filosofia, ao menos, nos dê esperança de uma vida nova. Vale a pena continuar acreditando na força criativa e regeneradora deste homem re-inserido na natureza. Segundo os modelos cíclicos, o Ano Novo pode servir de marco e de estímulo na busca de vida nova tanto para a natureza, quanto para nós mesmos. O que o homem deseja com convicção, alcança. Efetivamente. As curas (in)explicáveis aí estão para confirmar. Feliz vida nova a todos.

Esperança: nosso oxigênio

Edson Luiz André de Souza

Professor dos Programas de Pós-graduação em Psicologia Social e em Artes Visuais

Queiramos ou não, somos fascinados pela lógica dos ciclos. Eles indicam um ponto de partida e um ponto de chegada. Estes ciclos pulsam na natureza: as estações do ano, as migrações dos pássaros, o movimento das marés. Habitam também nosso corpo: o ciclo de algumas doenças, da reprodução, da vida e da morte. Talvez esse fascínio pelo cíclico revele nossa necessidade paradoxal de buscar simultaneamente o deserto do hábito e da repetição e, ao mesmo tempo, o oásis do novo e do inesperado. Ficar com o que se conhece nos dá segurança, mas paralisa. Lançar-se no novo nos entusiasma, mas assusta. O que nos diferencia dos ciclos da natureza é que podemos e criamos a todo o momento novos ciclos. Não somos necessariamente escravos de um instinto que nos obriga a certas ações. A existência de cada um permite que sejamos capazes de criar marcas que possam desenharmos os percursos de vida em um antes e um depois e, assim, configurar novos horizontes e paisagens. Para todos nós alguns acontecimentos são verdadeiras fronteiras demarcando espaços (de vida): o casamento, a formatura, a morte, o nascimento, a doença, uma viagem, um encontro, uma leitura, uma idéia, um acidente. A cada ano novo se reatualiza essa sensação de poder ser diferente, fazer diferente, viver diferente. Por quê? Essas passagens abrem um certo espaço para a esperança. Ernst Bloch, escreveu um magnífico livro sobre esta questão, que acaba de ser traduzido para o português (mesmo que com 50 anos de atraso). Afirma em seu *Princípio Esperança* que “A falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas”. Esta esperança não precisa ser necessariamente ingênua e, certamente, são muitos os sonhos que paralisam, aprisionam e acomodam. Mas, como insiste Bloch, também existem sonhos que nos acordam, que convocam à

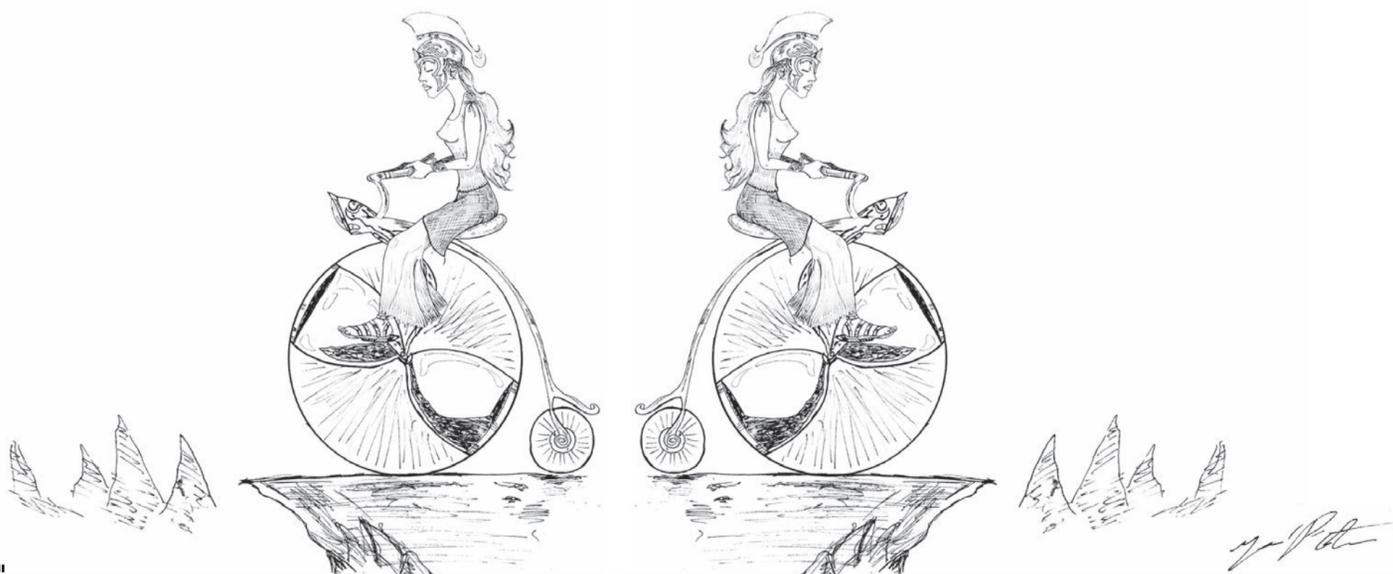
A falta de esperança é o mais insuportável para as necessidades humanas

ação. É aqui que devemos pensar na função das utopias como uma das atitudes mais responsáveis diante da vida.

Vielthäninow, personagem de Fiódor Dostoiévski no romance *O Eterno Marido* tem muitos sonhos, mas, quando chega em casa, se confronta com uma paralisia na vida que o afoga no mesmo e na desesperança. Bloch insiste em seu li-

vro que “pensar é transpor”. Podemos acrescentar que para transpor é preciso estar disposto a perder, a deixar para trás a aglomeração das coisas havidas e assim implodir nosso castelo de fatalidades como lembra Leibniz. Cada ano novo interpela as utopias de cada um. E se algum fatalista de plantão gritar indignado que isto é impossível vale lembrar nossa responsabilidade histórica com o impossível. As utopias historicamente não pretendiam ser prescritivas. Sempre foram ficções que mantiveram acesa a esperança de desnaturalizar os acontecimentos e a realidade e apontar para outras configurações possíveis. Surge daí a vocação política das utopias. Tinham, portanto, principalmente uma função crítica com o aqui e o agora. Como sublinha Jacques Derrida “não há responsabilidade que não seja experiência do impossível”.

Hoje vivemos dias difíceis. A desigualdade social, a miséria, a crueldade humana chegaram a níveis tão alarmantes que não podemos esperar 365 dias para renovar as esperanças e partir para novas ações. Há acontecimentos que nos exigem uma pausa para reflexão, pois tocam no intolerável. Basta uma imagem para dar a dimensão do que estou mencionando: final de novembro, traficantes no Rio de Janeiro escolhem um ônibus de forma aleatória e o incendiam com todos os passageiros, deixando mortos e feridos, entre os quais uma mãe e sua filha de um ano: Vânia e Vitória. Depois de fatos como este, só mesmo um dia primeiro de um novo ano no qual fosse possível reverter este pesadelo. Como diz Walter Benjamin: “Que as coisas continuem como antes, eis a catástrofe”.



Empréstimo, uma armadilha para idosos

Economia popular Vulnerável aos apelos da publicidade, o idoso se vê induzido a comprar dinheiro

Ademar Vargas de Freitas

Nas ruas centrais de Porto Alegre, a cada 50 metros há uma loja oferecendo dinheiro como se fosse mercadoria. Apitos, buzinas, minipasseatas: os distribuidores de panfletos brigam por pontos estratégicos e tentam gritar mais alto que o concorrente ao anunciar suas "vantagens".

O crédito vem com facilidade, até porque quem o concede não tem nada a perder: as prestações são descontadas em folha. Mas algumas financeiras exigem que o tomador abra conta em determinado banco ou compre determinado cartão, faça seguro ou capitalização com a desculpa de concorrer a prêmios.

De acordo com o advogado Décio Scaravaglione verificam-se aí três absurdos: publicidade enganosa, violação da garantia de receber um salário mínimo e venda casada. Scaravaglione pertence a um escritório especializado em direito social, direito previdenciário e direito do trabalho, ao qual agora está sendo acrescentando um incipiente direito do idoso.

Ele diz que a oferta de crédito pessoal e de empréstimo consignado tem gerado grande exploração dos idosos. Levadas pela propaganda, que cada vez mais cria "necessidades", pessoas de baixa renda comprometem seu ganho mensal, entregando até 30% para instituições financeiras.

"Vivemos numa sociedade capitalista que nos leva a consumir sempre mais e, muitas vezes, desnecessariamente. O empréstimo consignado pode ser legal, mas será inconstitucional se comprometer a médio e longo prazo a renda do idoso, e é isso que está acontecendo. Muitas pessoas contratam empréstimos até por telefone e, quando re-



FLÁVIO DUTRA
Bancos e financeiras de que nunca se ouviu falar correm atrás do dinheiro míngua de aposentados e pensionistas

cebem o contracheque, se dão conta de que comprometeram sua renda por dez, doze, 24, 36 meses."

Banco Rural – Scaravaglione acha que houve interesse governamental na aprovação da lei que liberou os empréstimos consignados. "Muitas instituições bancárias cresceram e enriqueceram com esse negócio, como o Banco Rural, envolvido no esquema de corrupção, caixa 2, mensalão etc. Esse banco foi o que mais cresceu, e até pouco tempo atrás, ninguém sabia de sua existência. Se pararmos para ver, há uma conexão entre as coisas."

Delegado investiga denúncias de coação e de estelionato

Entre registros de ocorrências diversas, a Delegacia de Polícia de Proteção ao Idoso está investigando alguns casos em que pessoas de idade se queixam de terem sido induzidas a fazer empréstimo ou de terem sido vítimas de tentativa de estelionato. Segundo o delegado Aníbal Germany, há quatro meses no cargo, é evidente que está havendo intenso assédio aos idosos, com propostas e oferecimento de prêmios.

Com relação a supostas irregularidades em empréstimos, já foram instaurados quatro inquéritos na Delegacia do Idoso, mas Germany esclarece que ainda não se pode afirmar que tenha havido crime por parte do agente financeiro ou da pessoa que fez a oferta. "É preciso comprovar se houve promessas não cumpridas, se a pessoa foi iludida, se houve o ilícito penal ou não. Estamos nessa fase." O delegado Germany acredita que muitos outros casos estejam ocorrendo sem que as vítimas procurem a polícia, o que só serve para engrossar as cifras ocultas da criminalidade.

Quer um brinde? Assine aqui – No dia 28 de novembro de 2005, uma senhora de 76 anos foi abordada na rua por uma jovem que lhe ofereceu um brinde. Após muita insistência, concordou em ir até uma sala comercial na Rua da Praia, onde apresentou documentos e assinou vários papéis para candidatar-se ao brinde. Ao chegar em casa, foi alertada pelo filho de que poderia ter assinado um pedido de empréstimo. Horas depois, junto com o filho, retornou ao local e pediu para ver os papéis que tinha assinado. Não permitiram, mas destacaram e lhe entregaram a parte inferior de cinco folhas que continham sua assinatura.

Dinheiro goela abaixo – No dia 12 de setembro deste ano, uma idosa de 71 anos comunicou que, numa rua do Centro, um rapaz lhe ofereceu empréstimo e a levou a uma sala

no fundo de uma galeria na primeira quadra da rua Voluntários da Pátria. Aí, acertou um empréstimo no valor de 2.900 reais a ser pago em 36 vezes. Mas quando foi verificar sua conta bancária, haviam depositado 7.249 reais, valor que não foi solicitado nem tinha condições de pagar. Imediatamente, telefonou para a financeira comunicando que ia devolver a diferença, mas foi informada de que somente desfariam o negócio se ela devolvesse todo o dinheiro depositado.

Para receber, abra uma conta – Senhora, analfabeta e com dificuldades para ouvir, conta que no dia 16 de agosto deste ano, caminhava sozinha pelo centro da cidade quando foi abordada por um jovem que distribuía panfletos de um banco e que a convenceu a fazer um empréstimo na instituição. O valor solicitado foi 1.900 reais, pagáveis em 48 parcelas de 85,24 reais. Em seguida mandaram-na à agência de um outro banco, onde recebeu o cheque no valor de 1.880 reais. Mas, para sacar o dinheiro, deveria abrir uma conta nesse banco. A filha levou-a até a financeira para obter empréstimo. Conforme contrato assinado com a entidade, o valor foi estipulado em 2.000 reais, sendo descontado mensalmente 125 reais em seu contra-cheque. Mas recebeu apenas 1.430 reais, e, há seis meses, o desconto mensal passou a ser de 304 reais. Além da mensalidade, ela paga um seguro de 29 reais por mês, pois teve que se associar a uma outra entidade como condição para fazer o empréstimo. Quando assinou o contrato, ela não sabia que teria esse desconto.

Menos dinheiro, mais desconto – Em dezembro de 2004, uma mulher de 70 anos procurou uma financeira para obter empréstimo. Conforme contrato assinado com a entidade, o valor foi estipulado em 2.000 reais, sendo descontado mensalmente 125 reais em seu contra-cheque. Mas recebeu apenas 1.430 reais, e, há seis meses, o desconto mensal passou a ser de 304 reais. Além da mensalidade, ela paga um seguro de 29 reais por mês, pois teve que se associar a uma outra entidade como condição para fazer o empréstimo. Quando assinou o contrato, ela não sabia que teria esse desconto.



Vender dinheiro tem a mesma lógica de vender feijão

O assistente social Sérgio Antônio Carlos, professor do Instituto de Psicologia da UFRGS e coordenador do Curso de Especialização em Gerontologia Social diz que o idoso está sujeito a um duplo jogo de exploração. "Por um lado, um familiar ou conhecido usa o crédito do idoso para obter determinada quantia (se esse dinheiro não for devolvido, estará havendo roubo). Por outro, a instituição financeira se aproveita da situação de necessidade da família, oferecendo vantagens, que nem sempre se confirmam."

Um idoso que receba pensão ou aposentadoria oferece mais garantia aos agiotas que um jovem com emprego fixo. "O jovem pode perder o emprego no mês seguinte, mas o idoso tem renda mensal vitalícia. Então, o idoso, às vezes, é a única fonte de renda fixa da família. É ele que vai comprar o arroz, o feijão, a farinha. Isso também funciona no caso dos empréstimos: quem vende dinheiro tem a mesma lógica de quem vende feijão."

O professor analisa os folhetos que são colocados, quase a força, na mão dos potenciais contratantes:

"Feliz idade. Quer dizer, não estão se dirigindo a um velho, e sim a uma pessoa que chegou à idade da felicidade. Estão dizendo também que a forma de ter felicidade é ter dinheiro". Há folhetos que associam o dinheiro com liberdade e renovação. Outros mostram crianças, cachorros, atores de novela de TV, confundindo intérprete com personalidade. E oferecem prêmios, que vão dos mais simples, como um chaveiro ou um jogo americano com três peças, até a possibilidade de ganhar uma TV de 29 polegadas ou dez mil reais. Claro, só concorre quem adere a determinado plano, que só dá mais

"Ninguém oferece orientação às pessoas de baixa renda"

garantia à financeira. Sérgio Antônio Carlos lamenta que o governo, que favorece as empresas que vendem dinheiro aos idosos, não desenvolva nenhum trabalho de educação financeira para pessoas de baixa renda. "Nem o governo, nem outra entidade. Não existe um grupo de trabalho nesse sentido nem dentro da Universidade. Aqui há pessoas que trazem folhetos desse tipo, sob a alegação de que "tem horas em que a gente precisa e não tem outra alternativa".



Como enfrentar a tensão no fim do semestre

Vida acadêmica Professores e estudantes da UFRGS falam sobre as inevitáveis e derradeiras negociações

Jacira Cabral da Silveira

Se instalássemos em cada um dos *campi* da UFRGS um aparelho para medir o grau de tensão de alunos e professores, ao final de cada semestre, os índices seriam altos. Circulam diariamente na Universidade cerca de 30 mil estudantes, distribuídos em 27 unidades de ensino. Eles fazem, em média, duas provas por semestre em cada disciplina, sem contar trabalhos, seminários ou projetos. É uma grande comunidade comprometida com prazos mais ou menos rigorosos, conforme o curso ou o professor. Afinal, o choro é livre, mas as negociações são diferenciadas.

“Professora, vou fazer a prova em dupla”, avisam alguns alunos de Elisabete Búrigo, coordenadora da comissão de graduação do Curso de Matemática e professora das disciplinas História da Matemática e Fundamentos da Matemática. Ela diz que comentários como este, fazem parte de um jogo, “é uma maneira de pedirem compaixão”. Elisabete dá aula à noite, e suas turmas têm em média 40 alunos. Segundo ela, quando chega o final do semestre, embora o estresse seja vivido por todos, quem mais negocia são os que já estão há mais tempo no curso.

Já, os calouros, não se comportam assim. Eles querem aprender como tudo funciona desde o começo. Perguntam quais são as regras, como são as avaliações, o que acontece e quando. Os veteranos choram mais. Na tentativa de recuperar o tempo perdido, eles se matriculam em muitas disciplinas e acabam não dando conta do recado. Para os estudantes noturnos, Elisabete diz que o ideal é que os alunos façam de três a quatro disciplinas, dependendo do grau de dificuldade, é claro.

Mas, para a professora, a origem do sufoco de final de semestre é anterior ao ingresso na universidade. “A escola básica não ensina o aluno a estudar”, reclama. Isso resulta num estudante dependente, que tem dificuldade de identificar o que aprendeu.

A constatação de Elisabete se dá no momento da recuperação, quando é possível avaliar a dificuldade de cada um para correr atrás do prejuízo. Por outro lado, ela reconhece que, em alguns casos, a primeira prova chega tarde demais, impedindo que alunos com maior dificuldade passem a acompanhar os conteúdos até o final do semestre.

Ler, ler, ler... – É um fantasma rondando cada segundo dos primeiros semestres dos calouros de História.



Estudar em grupo é uma das alternativas para melhorar o rendimento nas matérias mais difíceis

FOTOS: FLÁVIO DUTRA

“Quase enlouqueci no início. Ler tanto em tão pouco tempo!”, o desabafo é de Rodrigo Cardia, do quarto semestre do curso de História. Hoje, ele acha que ler não é problema, mas em se tratando de estresse de final de semestre, Rodrigo prefere administrar bem o seu tempo para diminuir o sufoco natural deste período.

Para a professora do Departamento de História da UFRGS Adriana Schmidt, além da falta do hábito de leitura, aqueles que chegam ao curso têm dificuldade de escrever, gerando mais tensão no final do semestre. “Até a primeira prova, os alunos não caem na realidade”, comenta. Como Elisabete Búrigo, Adriana reconhece que o ensino médio prepara mal os alunos. “Eles não conseguem se expressar, nem fazer uma síntese.” Mas, conforme a professora, saber escrever é ferramenta imprescindível na carreira de um futuro historiador.

Então, para amenizar os estragos, Adriana procura “amaciar” os alunos. Com turmas de pelo menos 50 estudantes, ela não faz só as três provas – sendo que a última vale como recuperação, mas também propõe seminários, fichas de leituras e trabalhos. Assim, tenta acompanhar melhor o desenvolvimento de cada um. Mas, se por um lado os alunos reclamam do volume de leitura, Adriana passa pelo desafio de avaliar as mais de cem provas dissertativas.

Só que estas alternativas propostas pela professora, também podem colidir com as provas ou datas de entrega de trabalhos de outras disciplinas. Ai, é preciso negociar. Everton Mello Rocha, colega de Rodrigo, diz que, quando isso ocorre, os professores aceitam que aqueles que precisam realizar a prova na turma da mesma disciplina o façam em outro turno. Para Rodrigo, embora o estresse pegue todo mundo, pode ser

suavizado com um bom cronograma de estudos e a priorização das disciplinas mais difíceis. Em casos extremos, Rodrigo enforca um período ou outro, para poder estudar um pouco mais determinado conteúdo.

Na opinião de Adriana, de todas as estratégias dos estudantes ao longo do curso, a de conseqüências mais desastrosas é a desistência dos alunos em algumas disciplinas. “A maior parte das reprovações não são reprovações de fato, mas por desistência.” Para a professora, os estudantes vêm menos demérito em desistir do que em ser reprovado por nota baixa. “Mas isso é péssimo na ordenação das disciplinas, pois algumas são pré-requisitos.” Além

“Até a primeira prova, os alunos não caem na realidade”

do prejuízo pessoal, Adriana afirma que as desistências acarretam a sobrecarga de alunos na sala de aula.

Como ela também faz parte da Comissão de Graduação de seu curso (Comgrad), sabe que é nesta instância que ocorre o maior número de negociações na hora das matrículas: “Alguns querem cursar história contemporânea antes da pré-história!” Para a professora, isso ocorre porque é difícil para os alunos entenderem a estrutura do curso em função da lógica imediatista que vivem.

Hora de plotar – Falou em plotar, o estudante de Arquitetura dá um salto. Diferente de outros cursos, que usam basicamente livros e impressões de trabalhos no tamanho A4, os futuros arquitetos, desde o terceiro semestre, têm uma preocupação a mais no final do semestre: agendar a impressão do trabalho de conclusão em alguma gráfica digital com máquinas *plotter*. Se a maioria dos estudantes imprime seus trabalhos, os futuros arquitetos

plotam pranchas que podem chegar a medir 84cm por 120cm.

Mas a razão do pânico para Cristian Ferreira Gomes, aluno do sexto semestre do curso de Arquitetura da UFRGS, é que, mesmo com planejamento, “tudo acaba atropelando”. Esse tudo se refere aos trabalhos das disciplinas de projeto, que são 14 ao longo do curso, e às provas das disciplinas teóricas. Para Daniela Marzolo Fialho, professora de Introdução ao Projeto Arquitetônico I e membro da Comgrad, o diferente no estresse do estudante de Arquitetura está justamente nos prazos dos projetos: “Dá mais uma semana professora? O choro é esse”, recorda.

Só que data é coisa que não se discute. Se, na vida profissional, os arquitetos precisam cumprir prazos, na faculdade o rigor deve ser o mesmo. Ana Luisa Seixas, do segundo semestre, já sabe disso: “Prazo a gente tem que cumprir desde o começo. Vamos ter que enfrentar esta realidade na vida profissional”. Embora ela ainda não tenha passado pela experiência dos trabalhos plotados, reconhece que precisará dedicar mais tempo às disciplinas práticas daqui para frente.

“Conseguir terminar o trabalho não basta, é preciso imprimir.” É a dura realidade, lembra o arquiteto Gabriel Silva, ex-aluno da UFRGS, atualmente proprietário de uma gráfica digital. Segundo ele, nas últimas semanas de cada semestre, chega a consumir cerca de 180m de papel por dia com a plotagem dos trabalhos dos estudantes de Arquitetura. “Eles chegam aqui em estado pré-hospitalar.” Para amenizar o estresse, Gabriel confere quando chega à gráfica a fila virtual: “Eles agendam e mandam o material por correio eletrônico”.

Mas, se o choro acontece na hora de entregar trabalhos ou transferir data de provas, no caso de Gabriel, os alunos também choram na hora de pagar a conta. “A grana é outro motivo de estresse”, desabafa Cristian. Segundo ele, um forman-

Na mesa do bar

A cena é comum nos *campi*: um grupo de jovens cercadas de mochilas, pastas e livros. Falam alto, dão risadas. Marília Zordan, Cecília Martins e Marilyn Agranonik, formandas do curso de Estatística, selecionam fotos para o convite de formatura e outras, para guardar de lembrança.

Na mesa ao lado, o professor paraninfo toma café e come um salgado. Entre uma dentada e outra, ri com a provocação das alunas:

— Vê se pega leve na hora de corrigir o trabalho final, tá bom?

A descontração vem acompanhada de comentários que descrevem as últimas semanas do semestre. Dormir poucas horas, comer quando dá, computador que pifa, sumiço de algum capítulo do trabalho porque esqueceu de salvar. Além de buscar negociar datas de entrega com os professores, é preciso obter da família um pouco mais de tolerância com o estado de nervos à flor da pele ante tanto compromisso.

“Monografia causa erupções na pele, queda de cabelo e tique nervoso.” Não dá para saber até que ponto é só uma brincadeira de Marília ao falar com as colegas.

do chega a gastar R\$ 600 na plotagem do projeto de conclusão. Durante o curso, o gasto por prancha simples varia de R\$ 60 a R\$ 70. E não tem como escapar desses preços. Cada uma das copiadoras *plotter* custou R\$ 18 mil. “É a manutenção é cara”, acrescenta Gabriel.

Caro ou não, o fato é que nada paga a frustração de não conseguir entregar o projeto dentro do prazo ou a ansiedade provocada pela correria de última hora. Cristian lembra que isso acontece quando o aluno calcula mal o tempo para a execução do trabalho. “É que, além da lista enorme de quesitos que envolvem o projeto gráfico, tem ainda a maquete para terminar!”

Vestibular: estudar ainda é a melhor saída

Educação A um mês das provas, o que os candidatos podem fazer para garantir um bom desempenho

Sônia Torres

É natural que, ao se aproximar o vestibular, as pessoas queiram dicas sobre como conseguir melhor desempenho. Segundo a nutricionista Cláudia Dornelles Schneider, do Laboratório de Pesquisa do Exercício (Lapex), da Escola de Educação Física da UFRGS, é preciso dedicação prévia, que deve ter início muitos meses antes da data das provas. O estudante que ao longo dos meses seguiu uma rotina alimentar adequada às suas necessidades nutricionais pode confiar que a nutrição fez seu papel.

Nos dias que antecedem as provas, o candidato deve priorizar refeições moderadas e frequentes; garantir a ingestão de frutas entre as grandes refeições; comer tanto carboidratos quanto proteínas, além de gorduras sem exagero; não fazer mudanças radicais na alimentação, para evitar indisposições.

Durante a realização das provas, optar por barrinhas de cereais ou frutas de fácil transporte e consumo. Nessa hora – contrariando a crença popular – o chocolate deve ser descartado, principalmente no verão, por conter alto teor de gordura. Ao longo do dia, também é indi-

Não existe fórmula mágica para evitar o estresse

cada a ingestão de líquidos: água, sucos naturais, água de coco. Na lista dos contra-indicados está a feijoada, ou qualquer outro prato parecido. A ingestão de bebidas alcoólicas ou energéticas é desaconselhada.

De acordo com a professora Carla Dalmaz, do Departamento de Bioquímica do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) e especialista em questões de memória, “não há uma fórmula mágica”. Existem aqueles conselhos lógicos, como ter boas noites de sono nos dias que precedem o vestibular e cuidar da alimentação. “Tudo envolve o bom senso, mas o importante é estudar bastante”, diz Carla. Para evitar estresse, situação em que podem ocorrer os famosos “brancos”, o estudante deve tentar controlar-se. Segundo ela, um pouquinho de estresse é bom, tanto para aprender a matéria, quanto para manter-se alerta.

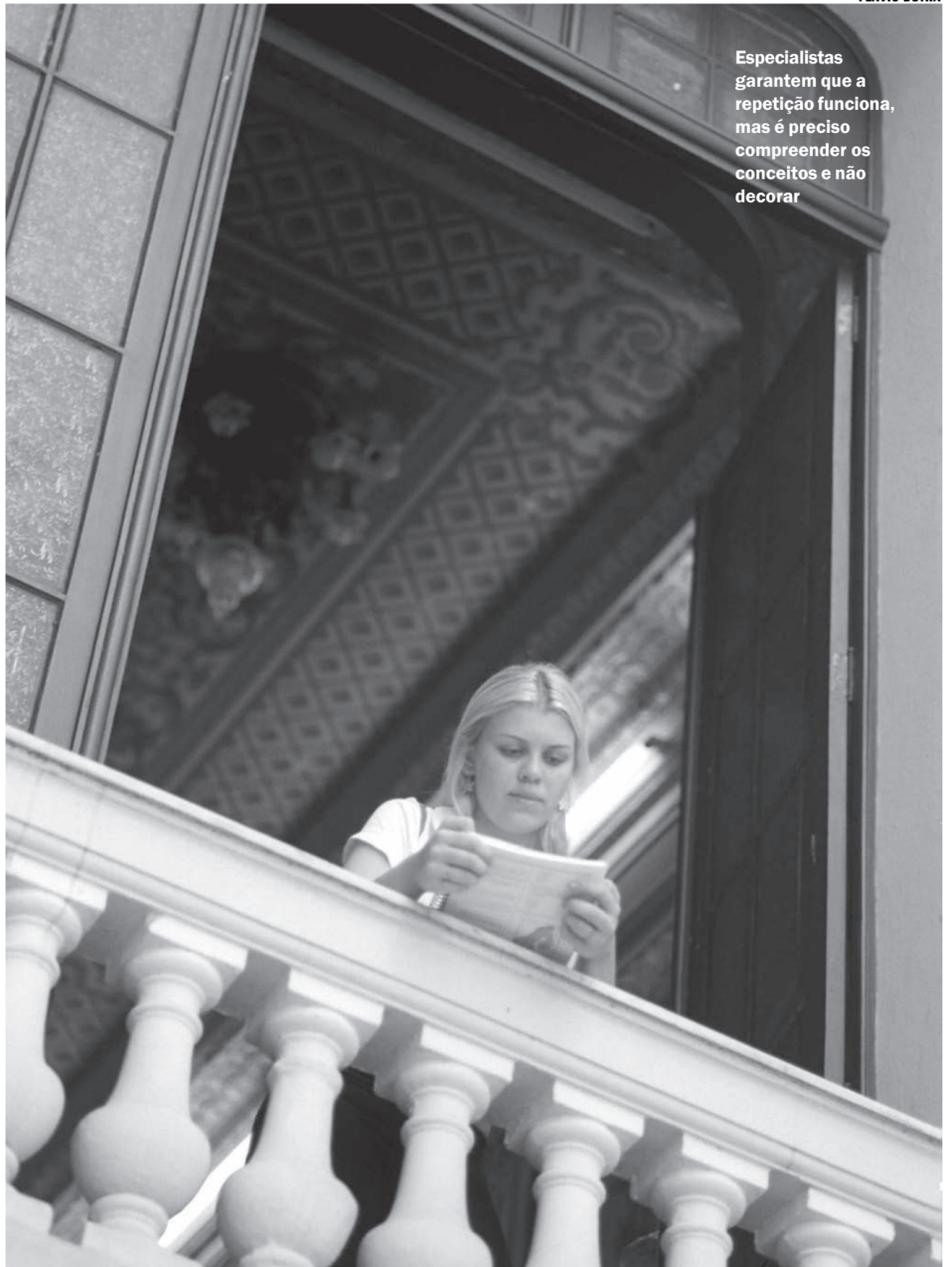
Outra coisa que pode facilitar é a repetição, especialmente com informações que devem ser memorizadas. Neste caso, é preciso compreender o conceito e não simplesmente decorar. Quanto mais o candidato treinar a repetição, tanto melhor será seu desempenho. Deve repetir a informação para si mesmo, ouvir, ler ou falar em alto volume o que deve ser memorizado. O candidato pode fazer esses vários modos da informação chegar ao cérebro, pois ajudam no aprendizado.

Escolha consciente – Para a professora Maria Célia Lassance, do Instituto de Psicologia da UFRGS, o momento da reta final vem carregado de fatos que o precederam, uma vez que o vestibular não é uma ocasião isolada da vida nem pode ser pensado assim. Não é um objetivo, não é um fim, é só uma travessia. “Em primeiro lugar, a condição na qual o candidato chega para o vestibular decorre do tipo de escolha que ele fez. Quando tem certeza de sua opção, ele vai para as provas mais tranquilo”, diz Maria Célia.

Não há uma avaliação que não provoque ansiedade, pois se trata de uma situação em que houve um investimento e que o resultado é esperado. Mas, o que se faz para controlar a ansiedade? Primeiro, verificar quais são os sintomas. Existem pessoas que, na hora da prova, esquecem a matéria, vomitam, passam mal, têm dor de barriga. Uma das maneiras de controlar é respirar, isto é, fazer uma respiração profunda e saber que aquilo que está sentindo é por conta da ansiedade.

Cada pessoa tem sua maneira de lidar com os fatos estressantes e com seus processos de angústia. Isso deve ser respeitado. É claro que, se não dormir na noite anterior e ficar estudando a noite inteira, vai estar cansado no dia do exame. É conveniente que a pessoa durma, embora se saiba que todo mundo dorme menos na noite que precede a primeira prova.

Segundo a professora, o indivíduo se sobrecarrega emocionalmente, e a emoção faz com que o



Especialistas garantem que a repetição funciona, mas é preciso compreender os conceitos e não decorar

organismo produza determinadas substâncias que atrapalham a retenção da memória. Sendo assim, o processo emocional ocasiona um desequilíbrio no organismo, que pode causar o famoso “branco”. Maria Célia Lassance alerta para os cuidados com os calmantes e estimulantes, principalmente sem prescrição médica, pois podem alterar o padrão normal do organismo e trazer consequências devastadoras.

Cérebro precisa de glicose – O candidato precisa de uma alimentação saudável, com todos os macro e micronutrientes. Quem afirma é Kally Janaína Berleze, professora de Nutrição Experimental e coordenadora de estágios em Nutrição Clínica, do curso de Nutrição da UFRGS. Os macronutrientes, que são as proteínas, os carboidratos e as gorduras, geram calor. Em segundo lugar, vêm os micronutrientes, que são as vitaminas

e os minerais. Macronutrientes fornecem calor por meio de uma engrenagem, mas para esta funcionar o organismo precisa das vitaminas e minerais, que vão regulá-la.

A maior parte da caloria que nós consumimos vem dos carboidratos, que vão produzir a glicose, um dos principais substratos de energia para o cérebro. A deficiência de carboidrato faz com que chegue menos glicose ao cérebro, o que acarreta o funcionamento inadequado. Por isso, quem vai estudar pela manhã deve comer. Jejum não vale. Tomar café da manhã é uma necessidade e durante essa primeira refeição devem estar incluídos os carboidratos.

Ter uma alimentação adequada nas quatro refeições principais (café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar) garante ao vestibulando uma boa nutrição e um bom funcionamento orgânico.

“Perto de prova não se come nada diferente do que se está acostumado”, diz Kally. Se, ao contrário, o vestibulando resolver mudar a alimentação, que o faça um mês antes da prova, para acostumar o organismo, evitando sintomas desconfortáveis. O exemplo do que seja um bom café da manhã é comer pão ou cereal, uma fruta e leite. Esses alimentos, além de fornecerem a energia necessária, evitam a sonolência e o cansaço. De acordo com Kally, é importante realizar uma atividade física prazerosa, para amenizar um pouco o estresse, que é inevitável.

Tempo bem administrado

A tendência do vestibulando é estudar mais as disciplinas das quais gosta. Porém, é preciso ter cuidado. Conforme Tania Beatriz Iwaszko Marques, psicóloga e professora de Psicologia da Educação, na Faculdade de Educação da UFRGS, “é mais fácil dar atenção àquilo de que se gosta. Parece que o tempo passa com maior rapidez. Quando não gostamos, o tempo se arrasta”, diz a professora. Por isso, a atenção em administrar o tempo, dando equivalência a todas as áreas, independente das preferências, é imprescindível.

O mais importante é organizar um tempo diário de estudo e cumpri-lo, fazendo uma previsão semanal de estudos para cada uma das matérias. O candidato deve tentar cumprir o contrato que fez com ele mesmo, mas com alguma flexibilidade. Se

ocorrer a necessidade de usar um horário de estudo, trocar por um outro.

Embora a prioridade seja estudar mais as disciplinas que têm peso maior, o aluno não deve esquecer de que não pode zerar nenhuma prova ou tirar uma nota muito baixa nas disciplinas com menor peso. Ao zerar uma prova ele é eliminado e ao tirar uma nota baixa, perde pontos por se afastar muito da média.

Se o candidato não tem o hábito de estudar, é interessante começar com um nível de exigência menor e ir aumentando-a gradativamente. Se o candidato iniciar com um projeto muito exigente, a probabilidade de não cumpri-lo é maior. Também é importante a escolha de um lugar adequado para estudar, com boa iluminação, sem excesso de estímulos, como ruído ou pessoas ao redor, evitando coisas que convidem a fugir do estudo.

Para a psicóloga, é importante fazer um cronograma de atividades com um planejamento de estudos para o tempo que falta até o dia das provas. “Calcule quantos serão os dias em que você irá efetivamente estudar. Por exemplo, se você não vai estudar aos domingos, não os inclua no cálculo. Logo, avalie quantos dias lhe restam e divida-os entre as matérias”, aconselha.

Na hora da realização das provas é fundamental equacionar o tempo. Como a cada dia são feitas duas, uma boa medida é dividir a metade do tempo para cada uma. Ao ler uma questão, se tiver dúvidas sobre a resposta, deve-se passar adiante. Primeiro, dar mais atenção às questões que o candidato domina, para depois voltar àquelas que causam dúvidas, deixando para o final as mais complicadas.

Nenhuma questão deve ficar em branco. As respostas erradas não são

descontadas das certas. “Na dúvida, o vestibulando deve eliminar as alternativas que ele sabe com certeza serem impossíveis. Entre as alternativas que restam, optar por alguma, sempre. Se, no final, sobrar um tempo, revisar toda a prova”, alerta a professora. No caso da ansiedade se manifestar durante a prova, são recomendados exercícios de respiração e ingestão de água.

Essas dicas valem para todos, vestibulandos e família: o exagero de cobranças, além de estressar, também pode provocar falhas de memória. “A dúvida sobre como vai se sair nas provas ocasiona o medo de não se sair tão bem quanto o desejado. Com essa expectativa sobre o resultado, alguns se bloqueiam e não conseguem lembrar de coisas óbvias”, diz a professora.

Aprender música pode tornar crianças e adolescentes mais atentos e concentrados

Educação musical

Professores explicam como aprender música faz diferença no desenvolvimento da cognição

Ânia Chala, Sonia Torres e Jacira Cabral da Silveira

Leda Maffioletti, professora da Faculdade de Educação da UFRGS, orientadora dos estágios de educação infantil e membro do curso de Pós-graduação em Educação Infantil defendeu, em março deste ano, a tese de doutorado *Diferenciações e integrações e o conhecimento novo na composição musical infantil*, cujo objetivo foi compreender de que maneira uma criança passa de um nível de produção musical para outro. Segundo a autora, sua preocupação era entender o que se passa quando a criança mostra um conhecimento novo ao criar uma composição. Um dos fatores significativos observados por ela foi o surgimento da intencionalidade musical. “A intencionalidade aparece na composição quando a criança mostra-se capaz de retomar o som recém feito, e eu acredito que a criança só consegue fazer isso quando tem uma representação dos sons que está produzindo”, afirma.

Mas como se dá o aprendizado da música? Leda diz que a formação musical pode realizar-se de duas maneiras: a formal ou a informal. No primeiro, a criança aprende devido à sua inserção na cultura, isto é, são os conhecimentos que ela adquire dos pais e colegas, no contato com a mídia, enfim, quando participa das atividades de sua cultura. Um bom exemplo é o aprendizado do “Parabéns a você”. Para a professora, a criança que canta essa simples canção aprendeu o seu significado cultural e o faz porque entendeu o que isso significa na sua cultura viva. Já o modo formal é mais sistemático, pois oferece educação musical planejada com a preocupação de instrumentar a criança com formas de expressão específicas da arte musical. “Seja por ensinar a leitura musical, ou porque estuda a estruturação da música em si, esta é uma aprendizagem que implica a presença de um professor”, afirma Leda. Além disso, na aula de música formal o aluno toma contato com um outro repertório, que não está na mídia, ouvindo CDs diferentes e descobrindo canções novas, que dificilmente aprenderia com os pais. Esta educação formal orienta perceptivamente para a apreensão dos elementos específicos da música.

Aprender música auxilia na inserção do indivíduo em sua cultura. “Uma criança que não souber cantar músicas como ‘Atirei o pau no gato’ ou ‘Marcha soldado’ irá sentir-se completamente alijada das demais. A música faz parte da cultura humana e aprendê-la é essencial”, salienta a educadora para quem, além do enorme valor enquanto parte da cultura tipicamente humana, a educação musical também ajuda a compreender mecanismos de



FOTOS: FLÁVIO DUTRA
A música tem estruturas rítmicas e espaço-temporais com as quais a criança não tem contato de outra maneira

expressão. Através da música, sustenta Leda, a criança aprende o que pode fazer com a voz para ser mais expressiva e para conseguir determinada impressão no interlocutor. Tudo isso enriquece muito sua vida e, quando ela tem mais atividades de ritmo, na escola formal ou fora dela, desenvolve uma aprendizagem que será benéfica para a formação de estruturas de pensamento. A música contribui para a organização espaço-temporal da cognição humana, e quem desenvolve aprendizagens nessa área tem muitos ganhos em conexões que aprende a fazer, em estruturas intelectuais que adquire, através de atividades cantadas e brincadas.

Alfabetização – De acordo com a professora, a música tem muita influência na área da alfabetização, pois a criança precisa aprender vários tipos de texto e não apenas o das historinhas. “A música é portadora de estruturas rítmicas e espaço-temporais e de formas sonoras com as quais a criança não tem contato de outra maneira. Então, quando ela aprende a cantar uma música com estribilho, esta estruturação é importante para o enriquecimento dela e para o conhecimento da estrutura da língua materna.”

Leda Maffioletti entende que existe ainda outra riqueza na música que são as estruturas abertas, isto é, canções do folclore que não têm fim, como, por exemplo, a conhecida “A velha a fiar”. São músicas repetitivas com uma forma aberta em que vão se acrescentando versos. Este tipo de canção contém uma seqüência temporal ordenada e sua prática auxilia principalmente aqueles que estão aprendendo a ler.

No que diz respeito à educação musical de crianças com necessidades especiais, a educadora lembra que os portadores de necessidades especiais têm um avanço

mais lento. “Enquanto crianças sem dificuldades podem fazer as interações culturais espontaneamente e são receptivas, aquelas com necessidades especiais precisam ouvir música de maneira bem intensiva para que tenham uma certa receptividade musical, já que a resposta é mais lenta”, acrescenta Leda, para quem isso não deve

Criar música exige uma maneira própria de organizar o tempo

desestimular pais e educadores. O importante, segundo ela, é oferecer um ambiente rico em estímulos, pois essas crianças precisam de muito mais tempo e de atitudes envolventes para que tenham sucesso no aprendizado. “Não se trata de ter um método específico, mas de compreender o funcionamento dessas crianças”, ressalta.

Métodos – Na década de 1960, a escola formal teve uma forte influência dos métodos de ensino, que também recaíram sobre a educação musical. No Brasil, os métodos alemão e francês foram bastante utilizados e, naquela época, acreditava-se que a organização do programa do professor numa seqüência lógica automaticamente garantiria a aprendizagem.

Hoje, esse binômio ensino/aprendizagem foi rompido e sabe-se que a criança não pede permissão ao professor para aprender coisas que estão fora do programa pré-estabelecido de ensino. Deste modo, garante Leda, o professor pode ter a intenção de ensinar um determinado conteúdo musical, mas a criança é capaz de aprender esse e mais outro, ou não aprender aquele e sim um outro. “A criança é assim, e aprende, como dizemos, apesar do professor”.

Por isso, a educadora afirma que não existem métodos para o ensino de música e sim princípios norteadores de uma abordagem musical, que preservam e respeitam essa característica da criança de aprender sozinha. Um dos princípios adotados pelos educadores na atualidade é o de que para se desenvolver musicalmente as crianças precisam interagir entre si em um ambiente rico em ludicidade, a fim de que possam acionar suas próprias estruturas de aprendizagem musical.

Leda argumenta que esta forma de ensinar música não pode ser tomada como a única possível. Para ela, convivemos com uma multiplicidade de abordagens. “Há professores que adotam métodos, porque acham que é assim que o aluno aprende. Outros procuram orientar seus alunos de acordo com as competências, condições e interesses de aprendizados demonstrados”, diz a professora, que

acredita que essas duas abordagens convivem atualmente.

Música e matemática – Finalmente, a educadora reitera a importância da discussão sobre o ensino da música, porque ainda existe uma maneira muito convencional de compreender esta disciplina e o seu papel na educação. A própria correlação com outras áreas do conhecimento é pouco explorada. “Penso que o valor da educação musical para a matemática, por exemplo, reside no fato da música trabalhar com a organização espaço-temporal e isso é uma competência cognitiva importante de ser desenvolvida e exercitada”, afirma. A música tem a especificidade de trabalhar de uma forma estética, de uma forma que conchama pelo gosto de quem está organizando os elementos sonoros de maneira que quem está fazendo música está tratando da organização do tempo, das sonoridades no tempo. Assim, o grande mérito da música na educação matemática ou na alfabetização da criança está no fato dela trabalhar com a progressão do tempo.

Conforme Leda Maffioletti, a música contribui para a aprendizagem da matemática proporcionando experiências de representação. A matemática é toda ela uma representação, e a música contribui muitíssimo para o ensino desta disciplina.

Fazer música é trabalhar com a coordenação dos valores, com a organização das alturas, com a organização dos acentos na progressão do tempo. Isso é mais visível quando a criança está fazendo a sua própria música, uma vez que, quando canta uma canção pronta ela vivencia isso como uma fórmula. “Marcha soldado”, por exemplo, tem uma fórmula, uma estrutura que a organiza, e a criança vive essa estruturação do tempo. Já quando a criança está fazendo a sua música ela, em primeiro lugar, imprime a organização dela na sua composição. “Defendo que a criança faça a sua composição porque ela precisa disso para desenvolver-se. Criar música exige uma maneira própria de organizar o tempo”, garante a professora.



Leda Maffioletti diz que a música faz parte da cultura humana e que é essencial aprendê-la



Explorando música com os bebês e redescobrimo a própria infância

Esther Beyer, professora do Departamento de Música do Instituto de Artes e doutora em Psicologia da Música pela Universidade de Hamburgo, Alemanha, coordena o projeto de extensão *Música para Bebês*, que atualmente atende 70 crianças por semestre, divididas em grupos na faixa etária de zero aos 24 meses, com atividades semanais.

Para a coordenadora, o objetivo principal é trabalhar o desenvolvimento musical das crianças, oferecendo-lhes estímulos e desafios tanto visuais quanto motores, nas áreas da sociabilidade e da aquisição da linguagem. Também se procura estimular o fortalecimento do vínculo entre o bebê e aquele que está com ele durante as aulas, que em geral é a mãe ou o pai. "Observamos que, muitas vezes, a rotina de um bebê resume-se ao acordar, ganhar alimento, trocar de fralda, tomar banho, sem que seus pais disponham de tempo para aprender a brincar com ele", diz Esther. Assim, o projeto oferece uma brecha no meio da semana na qual o adulto tem que simplesmente interagir com seu filho e com a música.

Esther idealizou o projeto a partir da sua própria experiência como mãe, gravando as vocalizações do



A história musical de todos nós começa no momento da concepção, afirma Esther Beyer

seu filho desde a sala de parto até os três anos e meio de vida. Os sons gravados permitiram que ela traçasse um mapeamento de como o bebê se desenvolve musicalmente e como isso se relaciona com a evolução da linguagem falada. O trabalho serviu de base para a pesquisa realizada durante o doutorado na Alemanha, que concluiu que a interação vocal do bebê antes da aquisição da fala é fundamental para o desenvolvimento musical e

da linguagem infantil.

Ao retornar ao Brasil, a pesquisadora organizou um projeto para trabalhar com bebês justamente nesse período de seu desenvolvimento, e assim surgiu, em 1999, a primeira turma do *Música para Bebês*.

Para a professora, a história musical de todos nós começa no momento da concepção. "Por volta da metade da gestação, o bebê já está com o aparelho auditivo pronto", sustenta Esther, que sugere que as mães procurem ter experiências musicais.

Nas aulas do *Música para bebês*, que são dadas numa sala especial do Instituto de Artes e têm duração de uma hora, Esther utiliza um repertório bem variado. "Nós oferecemos ao bebê música erudita, canções infantis e folclóricas e esse repertório vai sendo desenvolvido de forma bem diversificada", diz a professora que também mistura nas aulas o canto, a dança, historinhas, manuseio de instrumentos musicais e massagens de estímulo e relaxamento.

Entre as mudanças observadas nos bebês que freqüentam o projeto está o aumento da capacidade de concentração, fato constatado pelos próprios pediatras das crianças. Segundo ela, isto ocorre porque atividades realizadas desenvolvem o ouvir, o prestar atenção, que não se limita apenas à música. Além disso, a música tem o poder de influir na sociabilidade.

Por outro lado, Esther observa que a primeira coisa que se modifica é a relação dos pais com os bebês. "Há um momento em que os próprios pais começam a trazer canções que eles sabem que os seus bebês gostam. Eles vão ampliando o seu repertório e vivenciam a sua própria infância. Não raro, quando estamos cantando músicas como *Se esta rua fosse minha*, surpreendemos uma mãe em lágrimas, lembrando bons momentos da sua infância", conclui a professora.



As aulas misturam música, canto, dança, historinhas e manuseio de instrumentos

Um projeto para crianças e adolescentes

Criado em 1982, por iniciativa da professora Nídia Kiefer e da Pró-reitoria de Extensão (Prorext), o Projeto Prelúdio está em seu 23º ano de existência. Tem cerca de 300 estudantes, atendidos por uma equipe de 13 professores lotados na Escola Técnica da UFRGS. Desde 1997, o projeto funciona no bairro Petrópolis, numa casa cujo aluguel é parcialmente bancado pela Prorext.

Há três anos, com o afastamento de Nídia para a realização do curso de doutorado junto à Faculdade de Educação da Universidade, no qual produz uma tese sobre a proposta de educação musical do Prelúdio, o professor Ricardo Mitidieri assumiu a coordenação do projeto.

Na prática, o Prelúdio é uma escola de música para crianças e adolescentes, dos cinco aos 17 anos. Segundo o coordenador, as atividades de educação musical do projeto procuram suprir uma lacuna deixada pelas escolas de ensino fundamental e médio. "Fazemos o que imaginamos que sempre deveria existir nas escolas", diz ele, que salienta que essa idéia não embute necessariamente o

conceito de ensino profissionalizante, mas trabalha com o princípio de que toda a criança pode e deve aprender música.

Ao ingressarem no projeto, as crianças passam por uma iniciação musical, em que não há ainda o ensino formal de um instrumento. A partir dos seis, sete anos, iniciam as aulas semanais de flauta-doce, ministradas para grupos de três a cinco alunos. "Nisso, a formação que oferecemos contraria a tradição do aprendizado de um instrumento, geralmente desenvolvida através de aulas individuais", esclarece Ricardo, ao destacar que tal prática obedece tanto à idéia do fazer música em conjunto como uma forma de sociabilização da criança, como também ao propósito de alcançar o maior número possível de alunos.

Numa etapa seguinte, os alunos podem aprender outro instrumento, optando entre violão, violino, viola, contrabaixo e a própria flauta-doce.

A partir daí, inicia a prática em um dos conjuntos musicais organizados dentro do próprio projeto. Existem nove desses grupos: dois coros, um

infantil e outro infanto-juvenil; três níveis de orquestras infantis; uma orquestra de cordas; um conjunto de música popular; outro de violões, e outro de flautas-doces. Esses grupos tornam possíveis as apresentações públicas realizadas tanto em Porto Alegre, quanto no interior do Rio Grande do Sul, em outros estados brasileiros e até no exterior.

Ricardo encerra informando que muitos dos ex-alunos ingressaram nos cursos oferecidos pelo Instituto de Artes, enquanto alguns se tornaram professores e lecionam no Departamento de Música, como o violonista Paulo Inda. Outros ainda, optaram por seguir uma carreira profissional: as cantoras Adriana Deffenti e Andréa Cavaleiro; o compositor e saxofonista Luciano Zanatta, que teve um trabalho selecionado no projeto Itaú Cultural e que hoje cursa o doutorado em Música na UFRGS; a cantora lírica Carla Maffioletti, que desenvolve carreira na Europa; e Jean Presser, músico responsável pela produção de todas as vinhetas da RBS, além daqueles que se dedicaram à área da criação de *jingles* de publicidade.

O desafio de ensinar jovens

A professora Hella Frank coordena há mais de 10 anos o curso de extensão em instrumentos do Instituto de Artes, uma das mais antigas iniciativas da UFRGS na área de musicalização. Nesta entrevista, analisa a experiência de ensinar música e da competição com as novas tecnologias pela atenção de jovens e crianças.

Jornal da Universidade - No trabalho de ensinar música para crianças e adolescentes quais são as maiores dificuldades?

Hella Frank - Entre os empecilhos ao ensino de música para crianças e adolescentes estão a dificuldade de concentração e a falta de regularidade e consistência no estudo. Internet, games, a própria TV e outras tecnologias, que representam distrações muito atraentes para as crianças, reforçam estas dificuldades. O aprendizado de música não acontece com o apertar de um botão. Para o professor, o desafio é motivar o aluno ao estudo diário.

Naturalmente, existem recursos que podem ser usados no computador, para tornar o estudo mais atraente e diversificado, como exercícios rítmicos, de percepção, ou até recursos como o acompanhamento, em CD, das peças que o aluno está tocando. Mas, como no esporte, nada substitui o treinamento regular e disciplinado.

JU - O que motiva os jovens a buscarem aprender um instrumento?

Hella - A influência dos pais é muito importante. Se a criança é exposta à música desde cedo, há maior probabilidade dela querer tocar um instrumento, especialmente se algum dos pais também toca. Também o convívio com outras crianças que fazem música é muito importante e pode ser um elemento motivador. A motivação também é resultado da experiência de sucesso - a sensação de estar criando/fazendo algo com as próprias mãos eleva a auto-estima da criança e do adolescente.

JU - A carreira do músico, até bem pouco tempo, seguia atrelada ou a uma vida cheia de altos e baixos, com certo grau de boemia, no caso da música popular; ou ao circuito fechado das salas de concerto nacionais e estrangeiras, às quais muito poucos acabam tendo acesso. Esse quadro mudou? É possível viver de música?

Hella - A idéia de associar a vida de músico à boemia ou a um circuito muito fechado de salas de concerto ainda prevalece na sociedade. No entanto, esta já não é a realidade há muito tempo. Sim, é possível viver de música e muito bem, por sinal. Como em outras profissões, a competência é fundamental para se obter sucesso, seja qual for o gênero de música escolhido. O músico precisa estar estudando e ensaiando constantemente, precisa ser criativo, não só em relação à música, mas também na forma de se produzir, de se apresentar, na escolha de repertório, em iniciativas que lhe darão a necessária visibilidade, enfim, há muito trabalho envolvido. Para ter sucesso, é necessário dedicação e muito trabalho. As opções são muitas, embora nem todas ofereçam a comodidade de um emprego fixo. Músicos podem atuar em orquestras (e há muitas aqui na Grande Porto Alegre, por exemplo, com temporadas

regulares de concertos), bandas, conjuntos, coros, grupos vocais, como regentes, professores (particulares, em escolas de música, em escolas de ensino fundamental e médio), podem tocar em festas, casamentos, trabalhar com

editoração de partituras, produção de CDs, produção de eventos, pesquisa, musicologia, enfim, o limite é a criatividade do músico. Cabe ressaltar que a procura pelo ensino de música é muito grande, mas uma dificuldade encontrada sempre é o custo dessa atividade, porque, a partir de um certo nível de adiantamento, o atendimento precisa ser individualizado.

JU - A passagem pelo Curso de Extensão em Instrumentos tem sido determinante na decisão de seguir a carreira de músico?

Hella - Para atuar como músico, na maior parte das atividades arroladas acima, não é necessário ter curso superior. Excetam-se aqui as funções de professor de música no ensino fundamental, médio e superior, por exemplo. Eu diria que quem faz o curso superior em música já pensa em seguir esta profissão. É cada vez maior o número de formandos no curso de música (neste semestre, por exemplo, são 31 formandos) e menor a evasão. E a maioria desses egressos continua ativa na música das mais variadas formas.

SERVIÇO

Onde aprender música na UFRGS

Curso de Extensão em Instrumentos - inscrições de 20 a 24 de fevereiro de 2006, das 9h às 18h, no setor de Extensão em Música do Instituto de Artes (*Rua Senhor dos Passos, 248*), com ingresso mediante teste de seleção. Telefone: 3316-4325.

Projeto *Música para bebês* - inscrições de 20 a 24 de fevereiro de 2006, das 9h às 18h, no setor de Extensão em Música do Instituto de Artes (*Rua Senhor dos Passos, 248*), por ordem de chegada. Os bebês que já participam do projeto têm preferência. Telefone: 3316-4325.

Projeto Prelúdio - inscrições para novos alunos de 1º a 23 de dezembro e de 2 a 6 de janeiro, na sede do Projeto (*Rua Farias Santos, 234*), das 8h30min às 17h. Sorteio público no dia 10 de janeiro de 2006. Telefone: 3333-6611.

Além dos cursos citados nesta matéria o Instituto de Artes da UFRGS oferece atividades através do Programa de extensão em música eletrônica e nos projetos: Laboratório de afinação vocal, Oficina de teoria e percepção musical, Coro Escola, Coro Ludus Vocalis, Madrigal do Departamento de Música, Atividades Corais, Prática de Orquestra. Mais informações no site www.extensao.musica.ufrgs.br.



Lições de exclusão no país da igualdade

Distúrbios na França *Especialistas analisam o sentimento de rejeição entre jovens netos de imigrantes*

Jacira Cabral da Silveira

A França viveu, de 27 de outubro a 17 de novembro, a pior onda de violência das últimas quatro décadas. Durante mais de 20 dias, o governo francês destacou cerca de 10 mil policiais para controlar as manifestações de jovens da terceira geração de imigrantes, em sua maioria de países africanos, antigas colônias francesas. Até o final dos protestos, foram incendiados 9.071 carros.

A origem dos distúrbios é atribuída à revolta pela morte de dois adolescentes, de 15 e 17 anos, filhos de imigrantes, que, supostamente para escapar de uma busca policial, esconderam-se numa estação de energia elétrica no subúrbio de Paris, onde morreram eletrocutados.

Embora a revolta tenha se iniciado de forma desorganizada, houve um momento em que a polícia francesa disse se tratar de uma rebelião liderada por criminosos interessados em explorar os bairros com o tráfico de drogas e a prostituição. No dia 9 de novembro, o governo francês decretou estado de emergência, alguns municípios estabeleceram toque de recolher e a prefeitura de Paris proibiu qualquer concentração capaz de provocar desordens nas ruas ou em lugares públicos.

As altas taxas de desemprego e o racismo são alguns dos fatores apontados como geradores do clima de revolta entre os jovens franceses filhos de imigrantes. Convidados pelo Jornal da Universidade, os professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Luiz Dario Teixeira Ribeiro, do Departamento de História, e Carlos Schmidt Arturi, do Departamento de Ciência Política, analisaram os distúrbios na França: suas causas e a configuração contemporânea de uma sociedade em que franceses nativos e os novos franceses filhos de imigrantes vivem em conflito permanente.

Economia estagnada – A economia francesa está estagnada há mais de dez anos, fato que Carlos Schmidt Arturi destaca como desencadeador dos distúrbios. Segundo os dados do governo, o índice de desemprego local é de 20%, o dobro da média nacional. Entre os jovens, esse índice atinge 40% conforme o relatório de outubro do Observatório Nacional de Zonas Urbanas Sensíveis. O Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos revela ainda que, enquanto a taxa de desemprego das pessoas que cursaram a universidade é de 5%, entre os diplomados de origem norte-africana o percentual chega a 26,5%.

Para o cientista político, com tanta gente sem emprego, agrava-se a tensão econômica e social. Neste contexto, os imigrantes vivem dupla exclusão. “Primeiro, do ponto de vista econômico, porque não têm emprego e, quando conseguem, são precários e mal-remunerados. Também são excluídos por racismo.” Segundo o professor, na sua maioria, são mulçumanos filhos de imigrantes que vivem um processo de humilhação diária. Ele mesmo lembra ter experimentado o sentimento de discriminação quando, na década de 90, morou em um subúrbio de Paris, durante o doutorado. “Vivi na própria pele o racismo. Por ser

alto, moreno e com bigode, era confundido com um árabe”. Ele recorda ainda que o controle policial era maior, pois foi detido muitas vezes nos aeroportos e nas ruas. “Me sentia revoltado e humilhado por sofrer um controle que os outros não sofriam.”

Para Arturi, a reação dos filhos de imigrantes denota a revolta pela presença do Estado apenas no aspecto repressivo. Assim como ele durante seu doutorado, a todo o momento eles precisam identificar-se. “O estado francês aparentemente acolhe os imigrantes, dando uma proteção social através da previdência e educação públicas, mas a sociedade francesa os rejeita.” O cientista político critica esta postura do Estado, que não encontra meios de cumprir aquilo que prometeu.

Ação do governo – Ao analisar a decisão de proclamar estado de emergência para conter os distúrbios atuais, Arturi remete-se ao ano de 1955, quando foi criado este recurso. Segundo ele, naquela época, o governo queria controlar as rebeliões de Paris, muito mais organizadas e com objetivos políticos mais claros - tinham por objetivo a liberação da Argélia do jugo francês. “Esta é uma legislação que já nasce marcada por uma luta colonial, criada para reprimir movimentos de libertação nacional das colônias francesas.”

Para o analista, a aplicação hoje do estado de emergência é sintomática e simboliza a falência do Estado francês, uma vez que eles não conseguiram integrar estes indivíduos, que representam quase 10% da população. “Só para falar no aspecto religioso, são mais de cinco milhões de mulçumanos hoje na França.”

Arturi reconhece que o governo precisava restabelecer a ordem, mas questiona a extensão da aplicação da medida a todo o território nacional. “Os prefeitos dos departamentos franceses tinham autonomia para decretar toque de recolher sem precisar se valer da legislação. Resolvendo assim caso a caso.” Na opinião do cientista político, independente das críticas que o governo francês recebeu, demonstrou controle. “Não houve vítimas fatais em uma situação bastante complicada.”

A confiança da população nas decisões do governo, de acordo com o cientista político, também evitou que a situação atingisse maiores dimensões. “Imagino que nos Estados Unidos não seria assim. Lá existe um individualismo maior e um sentimento de que os grupos se auto-defendem.” Para ele, mesmo nos subúrbios da França as pessoas condenaram as manifestações, até porque, muitas vezes elas foram vítimas dessas ações.

Por fim, Arturi destaca o conflito de gerações como fator agravante. Os pais já não mantêm o controle como antes, cada vez ficam mais distantes dos filhos, porque permanecem ligados às tradições e não têm a escolaridade alcançada por seus descendentes. “Estes jovens estão com um pé em cada civilização.” De um lado, as influências da formação e crença religiosa, de outro, uma escola de educação ocidental numa sociedade de hábitos de consumo ocidentais. “Ao mesmo tempo em que não se sentem integrados nesta sociedade que os rejeita, embora os



Na França oferecida aos turistas não há lugar para os descendentes dos imigrantes

tenha criado, também sabem que não há retorno para a sociedade de seus pais.” Mas as ações destes jovens, na visão de Arturi, não caracterizam uma rebelião restauradora: “É o sintoma de um profundo mal-estar de alguém que vive em uma sociedade onde nasceu e se educou, mas que insiste em rejeitá-lo”.

É de 40% o índice de desemprego entre os filhos de imigrantes

População supérflua – Diferente da França oferecida aos turistas, o distrito de Seine-Saint-Denis reúne vários municípios onde a maioria da população é imigrante, predominam as moradias sociais, não há espaços para lazer nem saneamento básico. Nesta região vivem cerca de 150 mil pessoas. Segundo o que foi divulgado na imprensa, os prefeitos dos subúrbios reclamam que o Estado cortou 300 milhões de euros em recursos públicos.

Para o historiador Luiz Dario Teixeira Ribeiro o que experimentam hoje os imigrantes na França já foi vivido pela primeira geração

dos filhos de imigrantes das antigas colônias britânicas na década de 90, e é o que vive muitas outras populações. Nos dois casos, estas populações não têm perspectiva nenhuma de futuro, não estão integradas na sociedade, compondo um excedente demográfico: “Não são nem mesmo mão-de-obra de reserva. É a chamada população supérflua”. Estão excluídos de todos os benefícios da sociedade contemporânea e agrupados no que Luiz Dario chama de campo de concentração de baixa intensidade: “Eles estão concentrados nas periferias populares, sem ter acesso à França dos franceses”.

O professor ressalta que eles têm múltipla procedência: vêm do Extremo Oriente, da Indochina, do Norte da África, da África Subsaariana, de Portugal e da Espanha. Chegaram à França na década de 60, no período de expansão máxima da economia nacional, quando havia carência de mão-de-obra para os serviços mais duros como a construção civil. Os franceses não queriam fazer estes serviços, já que com seu alto grau de formação, almejavam os salários melhores.

Com a reestruturação tecnológica e a política neoliberal que progressivamente se impôs e também com a desregulamentação do trabalho e a criação de uma mão-de-

obra francesa, esses imigrantes foram transformados em reserva. Mais tarde, outro fato agravou a situação. Desde o final da década de 80 e início dos anos 90, uma parte da produção industrial da Europa transferiu-se progressivamente para o Leste e para outras regiões do continente europeu. “Com isso, essa população tornou-se efetivamente supérflua.”

Do ponto de vista cultural, Luiz Dario analisa o conflito vivenciado pela primeira geração de filhos de imigrantes. Segundo ele, ainda são muito marcantes os traços da cultura camponesa de hábitos de sociabilidade muito intensos. Há também a relação familiar, expressa num patriarcalismo exacerbado. O confronto acontece quando esta população se depara com uma sociedade ultra-individualizada e privatizada.

Para Luiz Dario, em diferentes países não existem mais canais de mobilização, de manifestação e de socialização. Instituições como os partidos políticos e as organizações juvenis entraram em crise. Conforme o professor, o fracasso dessas instituições faz com que toda a revolta não seja canalizada, explodindo contra aquilo que é mais visível. “Por isso, os filhos de imigrantes queimam os carros que simbolizam a sociedade individualista.”



Nosso organismo e as mudanças de horário

Relógio biológico Amado por alguns e odiado por outros, o horário de verão ainda gera controvérsia

Sônia Torres

Para quem não se adapta às mudanças, acordar e se movimentar uma hora mais cedo se torna uma dificuldade. Já outros aprovam a modificação e chegam a afirmar que o horário de verão é melhor do que o horário normal, pois ao sair do trabalho o sol ainda está alto. Preferências à parte, essa alteração pode acarretar, ao longo do tempo, hipertensão e problemas cardíacos, em função das adaptações no relógio biológico - mecanismo que regula o horário de variações da temperatura do corpo, da secreção de hormônios e do próprio sono.

A história do horário de verão no Brasil começou na década de 30, pelas mãos do então presidente Getúlio Vargas. Sua versão de estréia durou quase meio ano, vigorando de três de outubro de 1931 até 31 de março de 1932. Nos 35 anos seguintes, a medida foi implantada em nove oportunidades: em 1932, de 1949 a 1952, em 1963 e de 1965 a 1967.

De acordo com Denis Martinez, professor adjunto do Departamento de Medicina Interna, da Faculdade de Medicina da

UFRGS e autor do livro "Como vai seu sono?", o impacto nas alterações de horário, como o de verão, é mínimo. Para ele, o pior caso ocorre quando se viaja para o Japão, pois acontece a inversão de doze horas, isto é, a troca do dia pela noite.

Em geral é necessário um dia para se adaptar a cada hora de mudança do relógio. Teoricamente, por essa regra, que não é comprovada cientificamente, o relógio interno deveria ajustar-se em 24 horas. Na prática, vê-se que demora um pouco mais, de três a quatro dias, sendo que algumas pessoas levam até uma semana para se adaptar. Seja como for, todo mundo acaba se ajustando. Mas há quem não consiga se adequar, passando todo o verão sonolento. A principal razão para a queixa dessas pessoas é a perda de uma hora de sono.

Essa perda faz com que, pela manhã, nossas "baterias" não estejam completamente carregadas, tornando fraco o desempenho ao longo do dia. "O que se cria é estresse para enfrentar o trabalho. Estando com menos energia, o indivíduo precisa lançar mão da adrenalina e tem de se esforçar mais. Com isso, sobem a pulsação, os batimentos cardíacos e a pressão do sangue", diz o médico. De acordo com o professor Martinez, ao longo dos anos, aumenta

a chance de hipertensão e cardiopatologias. Não é por nada que, hoje em dia, a principal causa de morte são os problemas cardíacos, uma vez que a nossa sociedade nos obriga a viver em ritmo acelerado, com pouco tempo para descansar. O "mínimo dos mínimos" recomendável é dormir ao menos sete horas. Abaixo disso, o desempenho cai.

Queda no desempenho - A maioria das pessoas que reduzem o período de sono de dez horas para sete horas corre o risco de sofrer redução no desempenho, criando no organismo um estresse de 5% a mais para poder superar-se na tentativa de repor a perda de energia. Na opinião do médico, vale a pena fazer esse corte para sete horas. Mas, reduzir o sono para cinco horas ou seis horas não é um bom negócio, porque se o indivíduo ganha uma hora, pode apresentar uma queda de 50% no desempenho. Pessoas que dormem menos de sete e mais de oito horas estão sujeitas a contrair doenças com maior frequência. "Não é bom sinal. O atestado de saúde é dormir entre sete e oito horas. As

pessoas que respondem com esse número, na realidade, estão dizendo que dormem bem e estão com boa saúde", afirma Martinez.

Assunto extremamente complexo, o relógio biológico exige uma

especialidade dentro da Biologia, que trata deste tema e que se chama Cronobiologia. Nós vivemos em um planeta que tem dia e noite, e isso para as formas de vida é desafiador. Os vegetais, por exemplo, somente recebem energia durante o dia, mas à noite não. Com isso, as plantas, que foram as primeiras formas de vida, tiveram que se adaptar a esses ciclos e desenvolveram genes dentro de suas células que são ativados e desativados em um processo que leva mais ou menos 12 horas ativo e 12 horas inativo. Para a planta, desativar-se na hora em que não está recebendo energia configura uma vantagem evolutiva, uma vez que não gasta energia quando não a está recebendo.

Já foi comprovado, por meio de estudos, que as plantas que estavam com o relógio funcionando se reproduziram mais do que aquelas nas quais o gene que comanda o relógio interno foi destruído. Todas as formas de vida estudadas até hoje têm demonstrado algum tipo de relógio biológico.

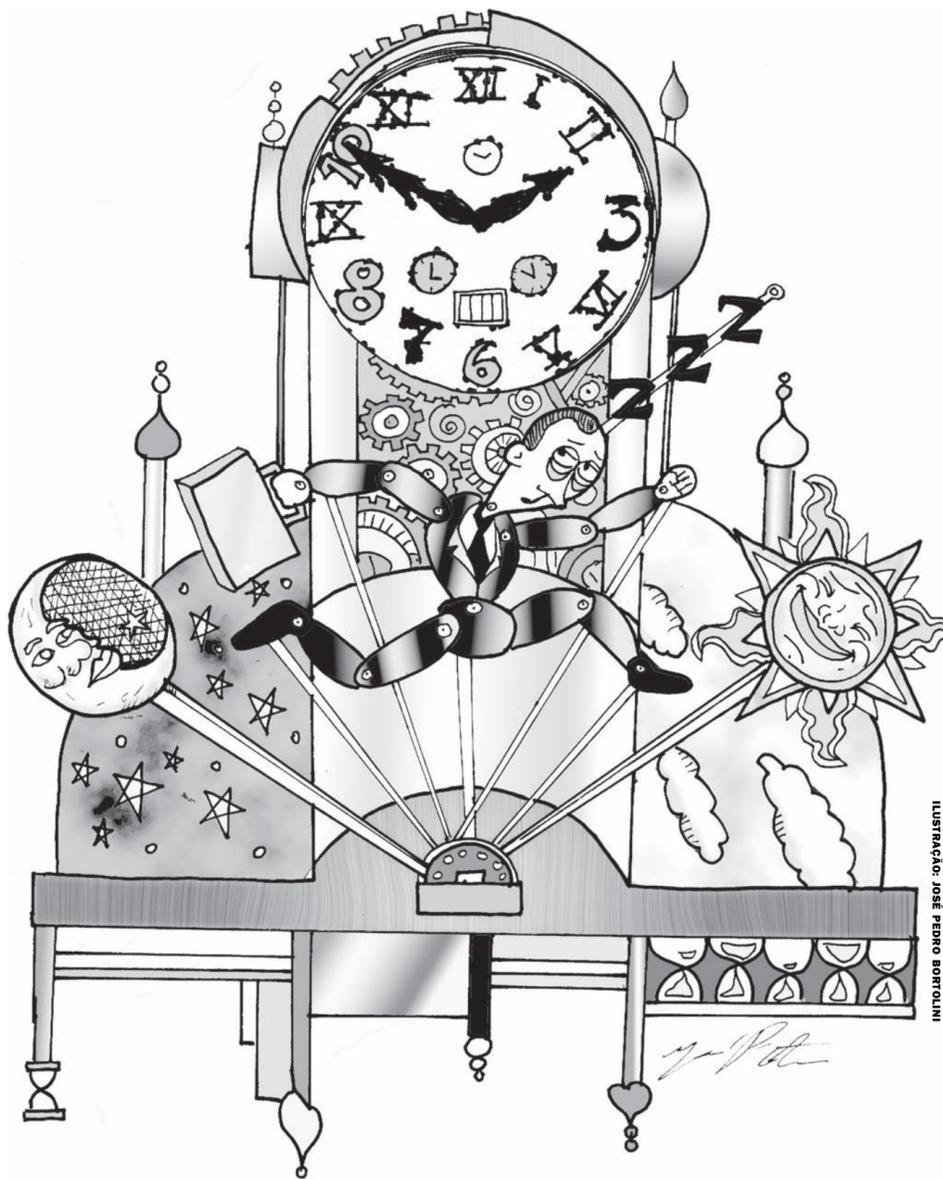


ILUSTRAÇÃO: JOSÉ PEDRO BORROUINI

Mutações no código genético

Há muito tempo o ser humano deixou de sofrer uma pressão seletiva intensa, como os animais que têm predadores específicos. O humano criou maior variedade de mutações em indivíduos que se adaptam a horários diferentes. Apesar de serem exceções ou extremos do relógio biológico, existem pessoas que são chamadas matutinas, que preferem acordar e dormir cedo, e pessoas vespertinas, que preferem ficar acordadas à noite. Isso são mutações e já foram descobertas as seqüências que estão alteradas no código genético e que manifestam essas diferenças de relógio.

Outra discussão interessante é o número de relógios que temos. A questão é se indivíduos unicelulares já têm relógio, e se plantas que não têm sistema nervoso também têm, quantos relógios será que temos dentro de nós?

De acordo com Denis Martinez, aparentemente são vários, mas o

mais importante fica no núcleo supraquiasmático do hipotálamo, no cérebro, e possui as células que fazem a interligação entre vários aspectos. Como ele fica acima do quiasma óptico, na passagem do nervo óptico recebe fibras da retina. Assim, o indivíduo pode ver a luz. Nesse momento ele faz a conexão com a glândula pineal, produtora do hormônio melatonina. Na falta de luz, o hormônio é secretado e se espalha por todo o organismo, levando a formação de que anoiteceu. Ele é o principal coordenador que avisa para as células de nosso corpo, que não "enxergam", se é dia ou se é noite. Os animais se programam para dormir ou acordar, conforme a característica da espécie.

Existe ainda um outro relógio na natureza, que marca a passagem de uma semana. Não é por acaso que nós escolhemos a semana como uma unidade de tempo, mas sim porque conseguimos nos adaptar bem para atividades que ocorram a cada

sete dias. É saudável para o ser humano manter rotinas, o mais constantes possível. As pessoas, mesmo sem saberem disso, decidem realizar a maioria de suas atividades com dia e horas marcados.

A semana interfere principalmente nos ciclos reprodutivos. Todos os períodos de gestação na natureza são contados em semanas. Mesmo ciclos muito longos, e que levam anos, podem ser contados em semanas. Porém, existem relógios de ciclos muito rápidos. Um deles funciona a cada uma hora e meia, quando intercalamos períodos em que estamos mais alertas com períodos de mais cansaço durante o dia, quer dizer, o ser humano sente sono a cada hora e meia. O horário de maior sonolência nas 24 horas é às quatro da madrugada, pois é a hora em que todo mundo sente sono, uma vez que a nossa temperatura está mais baixa, e o nosso corpo, pronto para dormir.

Museu da UFRGS apresenta

TOTAL PRESENÇA

Exposição do acervo de gravuras da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes

Curadoria: Professora Blanca Brites

Visitação até 18 de março, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h

Agendamento de visitas guiadas: 3316-3034



Museu da UFRGS

Av. Osvaldo Aranha, 277 - Campus Centro



Unimúsica: de olhos e ouvidos bem abertos

Música Projeto encerra mais uma temporada de cuidadosa garimpagem das novas e desafiadoras sonoridades brasileiras

Lígia Petrucci*

Acho sempre muito difícil começar um texto. Em geral, nas poucas vezes em que devo, por motivos diversos, produzir um, fico dando voltas ao redor do computador ao mesmo tempo em que folheio livros e artigos à procura de uma pista, um fragmento inspirador que dê força ao ponto de partida. Sem querer justificar o que virá a seguir, preciso confessar que com este não foi diferente.

Por sorte, o acaso me fez reencontrar o ensaio *O olhar distante*, escrito por Jean Galard para o catálogo de uma exposição da qual ele participou como sub-curador há alguns anos.

Nesse texto, em que comenta alguns traços da cultura brasileira vistos pela ótica estrangeira, Galard (que é um filósofo francês com forte ligação com o Brasil) cita o testemunho do historiador inglês Peter Burke (casado com uma brasileira e colaborador permanente do caderno *Mais!* da Folha de S. Paulo) sobre suas primeiras impressões ao ouvir o português, na época em que ainda não entendia muito bem as conversas: "Costumava pensar que as pessoas estavam brigando quando, na verdade, estavam conversando normalmente. Notei que havia menos silêncio do que haveria na Inglaterra (para não falar da Escandinávia), que diversas pessoas falavam ao mesmo tempo e, o mais extraordinário ainda, que os ouvintes de alguma forma davam atenção simultaneamente a mais de um orador".

Então Galard conclui: "Embora esta não seja a intenção de Peter Burke, essa observação é um excelente modo de sugerir que a inteligência brasileira, composta por uma cultura mestiça, estaria à escuta de várias fontes". O comentário de Galard sobre a divertida revelação de Burke é que me possibilitou pôr em movimento algumas idéias sobre o Projeto Unimúsica.

Criado em 1981 por iniciativa da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS, o Unimúsica atua na difusão da música popular brasileira. Resultado da mistura da mistura da mistura, o caráter movente e híbrido dessa música tem sido constantemente evocado pelos músicos e pensadores convidados a participar dos espetáculos, oficinas e debates promovidos pelo projeto. Lorenzo Mammi



Bianca Gismonti durante a oficina "Idéias Musicais" realizada no Museu

(professor e crítico de música, diretor do Centro Cultural Marriantônia da USP), que participou do debate de encerramento da série *Piano e Voz* em 2004, sintetiza as raízes múltiplas, ou as várias fontes, de que fala Galard: "O que faz a grandeza da música popular brasileira não é a existência de uma linguagem nacional 'pura', mas a capacidade de fundir e adaptar técnicas e estilos das proveniências as mais variadas".

Se, por um lado, a expressão "estar à escuta de várias fontes" me faz pensar na pluralidade própria da criação, por outro, me faz pensar, com enorme otimismo, na capacidade que temos, e que é às vezes um pouco esquecida, de ouvir o diver-

Nossa inteligência, formada por uma cultura mestiça, ouve várias fontes

so. No mundo do consumo cultural, fala-se a todo momento de segmentação de públicos. Não raro caímos, nós também, na armadilha de usar a ambígua expressão público-alvo, ainda que com a legítima intenção de ampliar e renovar o conjunto de espectadores ou participantes a quem nos dirigimos. Mas, quem sabe, a busca apenas daquilo que é conhecido, em detrimento do novo, do jamais ouvido, possa ser menos esmagadora do que parece.

Ao longo dos anos, o Projeto Unimúsica foi se confirmando como um espaço aberto a pessoas de diferentes classes sociais, faixas etárias e círculos culturais. Algumas vêm pela primeira vez a um

teatro, outras se vêm frente a uma música da qual tinham pouca ou nenhuma referência. E – talvez uma das melhores partes da história – muitas acabam voltando e passam a acompanhar mensalmente a programação.

O estado de descoberta pode tocar também artistas e debatedores e variar da descoberta de uma cidade e "seus públicos" a um tema de investigação, nas trocas que acontecem durante as oficinas e debates, ou ainda inéditas e frutíferas parcerias de trabalho. Aqui vale citar, como exemplo recente, o CD *Piano e Voz*, gravado por André Mehmari e Ná Ozzetti a partir do encontro promovido pela série *Piano e Voz* do Projeto Unimúsica. Ná e André, que excursionaram por diversas cidades brasileiras através do programa Natura Musical, nunca deixaram de mencionar a UFRGS em seus shows e entrevistas. Outro exemplo ainda mais recente é a edição de novembro da série de 2005, dedicada à música instrumental: concebida especialmente para o Unimúsica, a formação liderada por Pedrinho Figueiredo trouxe para o palco do Salão de Atos conhecidos ritmos do sul, como chacarera, milonga e chamamé, através de ousados arranjos que exploram os instrumentos de sopro. É mais do que provável que esse novo trabalho faça uma bela trajetória, incluindo o registro em CD.

Nesse sentido, há um outro aspecto, menos visível, a respeito do Unimúsica que gostaria de mencionar: desde 2002 todos os espetáculos e debates têm sido gravados. A partir do próximo ano as oficinas também o serão. É o mínimo, mas um mínimo fundamental, pois aos poucos vai se formando um acervo que enriquece a memória do que acontece na Universidade e, a partir do momento em que estiver disponível no Museu da UFRGS, poderá fornecer recursos para outros projetos.

Esperamos que o Unimúsica esteja cumprindo um papel, ainda que modesto, na divulgação e organização do conhecimento relacionado à música popular brasileira, mesmo que a programação nem de longe represente a grandeza dessa música a que se dedica. E que a chegada e o cruzamento de novas abordagens nos permitam, mais e mais, dar toda atenção, ao mesmo tempo, a mais de um orador.

* Coordenadora do Programa Unicultura



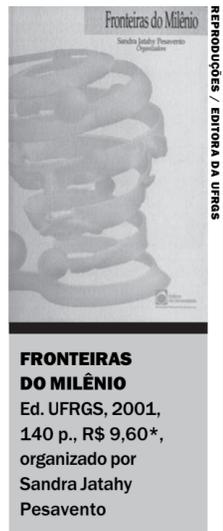
Carlos Malta numa atividade direcionada a crianças de seis a 12 anos

Resenhas

Por Caroline da Silva

As questões do milênio

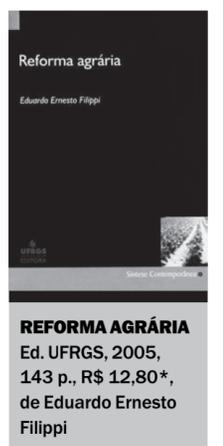
Por que uma publicação de 2001 figurou entre os livros mais vendidos da Editora da UFRGS na Feira do Livro de 2005, quando as fronteiras do milênio já deveriam estar estabelecidas? No texto de apresentação que dá nome à obra, Sandra Jatahy Pesavento explica tratar-se de um momento especial, "de fechamento e abertura, de balanço do que foi feito, de inventário da bagagem a levar para um novo tempo, de desafios e dúvidas em busca de respostas". Talvez os leitores estejam à procura de respostas. Nessa reflexão da passagem, estão os artigos de seis pesquisadores. François Hartog, diretor de Estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris, traz a dicotomia testemunha/historiador. Fernando Catroga, professor no Instituto de História e Teoria das Idéias da Universidade de Coimbra, discute o conceito de memória na perspectiva histórica. Roberto Vecchi professor de Literatura Brasileira na Università di Bologna, versa sobre os limites da ética e o impasse da estética. Jacques Leenhardt sociólogo e diretor de Estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris, aborda a transdisciplinaridade na globalização. Flávio Aguiar, professor de Literatura Brasileira na USP, analisa a cultura neste período brasileiro. Por fim, Roger Chartier, historiador da École des Hautes Études en Sciences Sociales/Paris, vê a História "à beira do penhasco". Sandra Pesavento é historiadora e professora titular no Departamento e Programa de Pós-graduação em História da UFRGS.



FRONTEIRAS DO MILÊNIO
Ed. UFRGS, 2001,
140 p., R\$ 9,60*,
organizado por
Sandra Jatahy
Pesavento

Modelos de reforma agrária

O livro da série Síntese Contemporânea apresenta e discute alguns processos da reforma agrária, especialmente os modelos implantados no Brasil: de colonização e de assentamentos rurais. Sob uma perspectiva histórica de como os procedimentos adotados em alguns países influem no trato brasileiro da questão, a obra aborda as revoluções Industrial e Francesa, resgata a evolução da estrutura da terra no Japão, os modelos coletivistas da União Soviética, Europa Oriental e China e os "governos populares" no México, Nicarágua, Guatemala e Cuba. A segunda parte da publicação se detém nos fatos pós-metade do século XVIII, que marcam o início da produção capitalista: modernização conservadora e migrações internas no Brasil. Neste capítulo, são mostradas as especificidades rurais do país, da "economia natural" ao "moderno problema agrário". O autor deixa claro que escrever sobre esse assunto tentando ser científico, neutro, é uma tarefa indigesta, sujeita a desencontros e até a inimizades. Eduardo Ernesto Filippi é economista e mestre em Economia Rural pela UFRGS, doutor em Economia Política pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, da França. Atualmente, é professor adjunto do Departamento de Economia e dos Programas de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural e em Economia do Desenvolvimento, ambos da UFRGS.



REFORMA AGRÁRIA
Ed. UFRGS, 2005,
143 p., R\$ 12,80*,
de Eduardo Ernesto
Filippi

Um personagem de Erico

Neste livro da série Síntese Rio-grandense, a autora faz um estudo de personagem da melhor obra de Erico Veríssimo, em sua opinião. Para Suzana Bins, o autor é muito mais do que um simples contador de histórias: "Embora tenha ele mesmo assim se intitulado, há, por detrás do contador de histórias, um homem que assumiu seu papel de agente transformador de uma história e que se comprometeu até o fim com o homem de seu tempo – um escritor que, mais do que simplesmente narrar histórias, soube construí-las estruturalmente, dentro dos moldes mais apurados da época e que deu ao público leitor, portanto, obras com uma estrutura de qualidade e com personagens complexas e completas". Segundo a autora, a personagem e também narrador Floriano Cambará é o grande suporte estrutural de *O Tempo e o Vento* e, como muitas das personagens de Erico, luta pela liberdade e pela conquista da dignidade humana. Para enxergá-lo, situa-o na sociedade de seu tempo, entre as outras pessoas de seu tempo e em relação a ele mesmo: "uma personagem que luta para resgatar sua *persona*". Suzana Borges da Fonseca Bins é professora de Literatura Brasileira e de Língua Portuguesa no Centro de Ensino Médio Pastor Dohms, unidade de Higienópolis, em Porto Alegre. É licenciada em Letras (Português) pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG e mestre em Literatura da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



FLORIANO CAMBARÁ: PERSONAGEM DE O TEMPO E O VENTO
Ed. UFRGS, 2005,
126 p., R\$ 9,60*,
de Suzana Borges
da Fonseca Bins

* Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS

Coral da Filô comemora 50 anos cantando

Rentrée Ao começar outra vez, o grupo vai interpretar músicas renascentistas e brasileiras num jantar

Ademar Vargas de Freitas

Médicos, professores, engenheiros, jornalistas, psicólogos, arquitetos, estudantes e donas-de-casa que cantam, cantaram ou vão cantar no Coral de Câmara da Faculdade de Filosofia comemoram quase em família o cinquentenário do grupo, no dia 10 de dezembro. Longe do apoio que já teve em outras épocas – quando foi aplaudido em palcos importantes do Brasil e da América do Sul – o Coral da Filô vai se apresentar para amigos e apreciadores numa galeria, onde espera reunir 200 pessoas.

Para garantir o sucesso dessa apresentação inicial da nova fase, os integrantes vêm se reunindo numa sala envidraçada do condomínio onde reside uma das cantoras, no bairro Moinhos de Vento. Esses ensaios têm atraído cerca de 20 pessoas a cada sábado, o suficiente para a formação inicial de um coral de câmara, garantindo um mínimo de 16 componentes, agrupados em quatro registros vocais: sopranos, contraltos, tenores e baixos. Essa formação pode ser acrescida de mais componentes em cada grupo e de outros grupos vocais.

Muita gente já passou pelo conjunto; quase sempre, nomes ligados à arte e à cultura. Alguns já morreram, vários estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo, mas a maioria permanece em Porto Alegre e, aos poucos, vai retomando o contato. O que desencadeou essa retomada foi o retorno ao Brasil de Jan Szidon, antigo componente do coral, que vive há anos nos Estados Unidos. Velhos amigos e amigas atenderam ao chamado da professora Hélvia Miotto, regente do coral desde 1965, da professora Myrna Appel e da jornalista Marisa Silva, integrantes do conselho deliberativo.

O empresário Airton Schuch, recentemente elevado ao posto de presidente do coral, diz: “A gente hiberna, mas o gosto por cantar nos desperta e reúne”. Companheiros que já pararam de cantar também aparecem para falar sobre o coral, como os poetas Raul Machado e Paulo Rolim, a professora Aida



Uns beiram os 70 anos, outros ainda não chegaram aos 30, mas as diferenças desaparecem quando eles desfrutam o prazer de cantar em grupo

Ferraz e o escultor João Otto Klepzig. Também há novos componentes no grupo. Uma nota no jornal ajudou a atrair pessoas interessadas em música e cultura, como a cantora e jornalista Lenora Vargas e a psicóloga Sonia Azambuja. Entre os jovens estão Aline Tanaka, 26 anos, Fernanda, 25, e Marcelo

Kiefer, 26, filho do compositor Bruno Kiefer, que produziu muitas das músicas incluídas no repertório do coral. O mais jovem é Flávio Lopes de Oliveira, 24 anos, aluno de canto lírico do

Instituto de Artes da UFRGS e instrutor de técnica vocal do grupo.

No momento, o coral tem a seguinte composição: sopranos, Anelise, Aline, Cléia, Lenora, Lúcia e Rosa. Contraltos: Fernanda, Malu, Marisa, Myrna, Sônia e Vera. Tenores: Elton, Fábio, Flávio, Goida, Remi e Rui. Baixos: Amaro, Marcelo, Schuch, Udo e Thorell.

Madeleine Ruffier, o anjo bom

O Coral de Câmara da Faculdade de Filosofia da URGs – a Universidade ainda era estadual – foi criado oficialmente no dia 10 de dezembro de 1955 pelo então diretor da Faculdade, Luiz Pilla, que o destinou a “estudar e divulgar as obras de boa qualidade do repertório coral universal dentro e fora da universidade e do país”, como registra a Revista do Globo, edição de 28 de janeiro de 1956.

Mas o projeto teve origem um pouco antes, quando os alunos do Curso de Letras Neolatinas Raul Machado, Aida Ferraz e Marie-José Ruffier, a Majô, aceitaram a sugestão de um professor. Com a formação de um grupo coral, o belga René Ledoux queria ilustrar suas aulas sobre a Idade Média francesa e marcar a inauguração de um Instituto de Francês dentro da Faculdade de Filosofia. O instituto nunca saiu do papel, mas o coral foi em frente, sob a regência e liderança da professora do então Instituto de Belas Artes, Madeleine Ruffier, irmã de Majô. Segundo os que a conheceram, Madelaine era delicada, sutil, exata. E, além de dar formação musical aos componentes do grupo, transmitiu-lhes valores éticos e humanistas.

Embora o coral tivesse sido destinado inicialmente a um “repertório universal”, para Madeleine Ruffier, o importante era divulgar um manual riquíssimo que tinha ficado no esquecimento: a música do período da Renascença. Mesmo assim, a regente incorporou ao repertório músicas do folclore do Rio Grande do Sul e solicitou obras para coral a autores gaúchos, como Bruno Kiefer e Paulo Guedes, dos quais foi aluna. Também entraram no repertório obras de outros autores, como Villa Lobos, Camargo Guarnieri e Cláudio Santoro, além de peças do folclore brasileiro.

Naquele tempo, a Faculdade de Filosofia abrigava diversos cursos na área da educação. Logo,

sobravam vozes femininas e faltavam vozes masculinas, o que foi resolvido com a integração de alunos da Engenharia, da Arquitetura e do Direito. Formou-se, então, um grupo de gurias e gurus idealistas e solidários, cheio de amor e de entusiasmo, que deu origem a grandes amizades e alguns casamentos.

Diz-se também que ele compunha ao piano enquanto ouvia novela pela Rádio Nacional, ouvia a novela com o “ouvido de fora” e compunha com o “ouvido de dentro”.

No ano seguinte, o coral fez apresentações no Chile, na Argentina e no Uruguai, levando proposta de estabelecer intercâmbio cultural entre



Em outubro de 1956, sob a regência de Madeleine Ruffier, o coral se apresentou no Teatro São Pedro (acima). Dois anos depois, cantou no Chile (abaixo).

Além do apoio do diretor da Faculdade de Filosofia e do reitor Elyseu Paglioli, o grupo conseguiu a simpatia de Rubem Berta, presidente da Varig, o que o habilitou a viajar de avião. Em julho de 1957, se apresentou na Bahia, em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de visitar Villa Lobos. Segundo componentes do coral, o mestre os recebeu deitado no tapete da sala.

universitários do Cone Sul. Na edição de 16 de julho de 1958, o jornal *Las Últimas Noticias*, de Santiago, se admirava de que um coral brasileiro não estivesse cantando marchinhas e sim música renascentista. Na foto estampada na página 5 aparecem, sorridentes, os jovens estudantes Carlos Appel, Peter Ashton e Paulo Rolim. Os componentes do Coral viajaram outras vezes pela América do Sul, emocionando platéias, expondo fotos de Porto Alegre, feitas por Léo Guerreiro, e intercambiando partituras e livros com universitários. Em 1962 estiveram no Peru e na Bolívia. E, em diversas épocas, cantaram para platéias locais, em universidades, teatros, asilos, escolas, presídios, praças e galpões.



FOTO: FLÁVIO DUTRA

FOTOS: ARQUIVO CORAL DA FILOSOFIA



Destaque

Mostra de Teatro do DAD 2005/2

Programação inicia em 12 de dezembro e apresenta trabalhos teóricos e espetáculos dos alunos do Departamento de Arte Dramática

De 12 a 23 de dezembro, o Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS realiza a Mostra de Teatro do DAD 2005/2, que apresenta a produção teatral teórica e prática de seus alunos. Realizados sob a orientação de professores do Departamento, os trabalhos são produzidos por estudantes do penúltimo e do último semestres dos cursos de Licenciatura e Interpretação Teatral.

O curso de Graduação em Arte Dramática – habilitação Interpretação Teatral visa à formação de atores. Por conta disso, os projetos de Interpretação VI caracterizam-se pela valorização da performance do ator sobre os demais elementos cênicos e têm um caráter de exercício de atuação, expondo em detalhes ao público o processo de construção do personagem pelo ator. Nos dias 15 e 16 de dezembro, haverá o Painel de Licenciatura, com a divulgação de nove pesquisas feitas para a conclusão do curso de Licenciatura em Teatro. Esta licenciatura tem como objetivo a formação de professores; por esse motivo, as apresentações enfatizam o aspecto teórico, sem deixar de lado a experiência prática do aluno pesquisador.

Todas as atividades têm entrada franca, mas para assistir aos espetáculos teatrais é necessária a retirada de senhas nos locais de apresentação uma hora antes de cada espetáculo. Mais informações na Secretaria de Comunicação do IA, pelo telefone 3316-4318.



No momento, não me encontro
Fragmentos da vida que revelam a perplexidade do indivíduo neste início de milênio. Trabalho da aluna Luciana Kunst (foto abaixo), com orientação da professora Tais Ferreira.
Datas: 21, 22 e 23 de dezembro, quarta, quinta e sexta-feira
Local: Sala Sala Alziro Azevedo do DAD-IA/UFRGS, em sessões às 12h30min e 19h30min
Entrada franca mediante retirada de senha

Há vagas para moça de fino trato
Trabalho de Ariane Guerra, que apresenta três mulheres confinadas em um pequeno apartamento. Orientação da professora Cristiane Werlang. Elenco: Ariane Guerra, Guadalupe Casa e Maíra Prates (foto acima). Direção de Daniel Collin
Datas: 12, 13 e 14 de dezembro, segunda, terça e quarta-feira.
Local e horário: Sala X da Casa do Estudante (Av. João Pessoa, 41), em sessões às 14h30min e 20h30min
Entrada franca mediante retirada de senha.



99 segundos - Espasmos de uma semi-morta (foto acima)
Trabalho das alunas Elisa Viali e Marina Medeiros mostrando personagens em situações-limite. Orientação da professora Dagmar Dornelles
Datas: 14, 15 e 16 de dezembro, quarta, quinta e sexta-feira
Local e horário: Sala Alziro Azevedo do DAD, em sessões às 12h30min e 19h30min
Entrada franca mediante retirada de senha.



Painel de Licenciatura
Apresentação dos trabalhos de formandos do DAD, que enfatizam o aspecto teórico, sem deixar de lado a experiência prática do aluno pesquisador.
Datas: 15 e 16 de dezembro, quinta e sexta
Local: Plenarinho da Reitoria, das 14 às 18h (ininterruptamente).

Práticas pedagógicas de resistência em teatro: um estudo sobre o Teatro de Arena de Porto Alegre
Análise sócio-histórica do Teatro de Arena de Porto Alegre realizada pela aluna Renata Savaris. Orientação: João Pedro Gil

Recriando o saber, repensando a Educação na prática
Trabalho em que das alunas Cíntia Muller e Vika Schabbach investigam o ensino de Teatro a partir da experiência de Oficina Coletiva de Iniciação Teatral realizada no Departamento de Arte Dramática. Orientação: João Pedro Gil

Festival Akitu: em busca da expressão dramática na Mesopotâmia
Análise da atividade teatral da Mesopotâmia realizada por Henrique Costa. Orientação: Tais Ferreira.

O teatro como tema transversal: a união hipostática do conhecimento no ensino médio
A prática do ensino teatral interligada com o ensino de outras disciplinas do ensino médio analisada pelos alunos Analice Vacaro e Diego Comerlato Walter. Orientação: João Pedro Gil.

O faz-de-conta da escola: onde está o jogo dramático
Deisi Gressler demonstra a importância da capacitação de professores no desenvolvimento do Jogo Dramático. Orientação: Ana Lara Vontobel Fonseca.

Nessa escola não tem teatro! Será que não tem mesmo?
O fazer teatral de uma escola estudado por Thelma Denise Ferreira Sampaio. Orientação: Ana Lara Vontobel Fonseca

Ensino de teatro e Vigotski: primeiras aproximações
Pesquisa de Edmar G. dos Santos, procurando relacionar o ensino do teatro com o pensamento de Vigotski. Orientação: João Pedro Gil

Teatro Negro - A arte como forma de resistência
Investigação dos caminhos percorridos pelos afro-brasileiros para a formação como atores e atrizes desenvolvida por Silvana Silva Ferreira. Orientação: Ana Lara Vontobel Fonseca

A formação do ator: um paralelo crítico entre formação acadêmica e formação extra-acadêmica
Pesquisa de Rodrigo C. Scari, apresentando um panorama analítico-crítico da formação do ator. Orientação: João Pedro Gil

PLANETÁRIO

Projeto Selene

Última edição do ano do projeto que mensalmente proporciona observação direta do céu através de telescópios instalados no Pátio do Planetário. A atividade é cancelada em caso de céu encoberto.
Data: 10 e 11 de dezembro, sábado e domingo
Local e horário: Planetário, logo após o pôr-do-sol
Entrada franca com estacionamento gratuito
Informações: 3316-5384



ARTE: EDUARDO SPERB

Sessões de cúpula

Exibição dos programas "O planeta azul" (48min), direcionado ao público infantil e "2035 uma viagem pelos planetas" (37min), para adultos.
Datas: 11 e 18 de dezembro, domingos
Local e horário: Planetário da UFRGS, às 16h, para crianças e às 18h, para o público adulto
Ingresso individual: 1 quilo de alimento não perecível.

EXPOSIÇÃO

Total Presença

Exposição que apresenta pela primeira vez as 160 gravuras pertencentes ao acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes, com curadoria da professora Blanca Brites. Destaque para os trabalhos de artistas como Danúbio Gonçalves, Glenio Bianchetti, Carlos Scliar, Anico Herkovitz, Hélio Ferverza e Romanita Disconzi, entre outros.
Visitação: até 18 de março, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h.
Local: Museu da UFRGS
Entrada franca
Agendamento para visitas guiadas: 3316-3390 e 3316-3034



REPRODUÇÃO: GRAVURA DE DANÚBIO GONÇALVES

Onde?

- Instituto de Artes da UFRGS
Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/nº.
- Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
- Planetário da UFRGS
Av. Ipiranga, 2.000
- Sala Alziro Azevedo
Av. Saigado Filho, 340
- Secretaria do PPG Bioquímica
Rua Ramiro Barcelos, 2.600
- Instituto de Matemática
Av. Bento Gonçalves, 9.500
- Faculdade de Ciênc. Econômicas
Av. João Pessoa, 52

CURSOS E PALESTRAS

AutoCAD 2D e 3D a distância

Cursos promovidos pelo Departamento de Expressão Gráfica da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Para participar, o aluno necessita de um micro com acesso à Internet por rede discada ou banda larga. Dúvidas serão solucionadas através de contato via e-mail, chat ou fórum de discussão. Período de inscrições: até 15 de dezembro
Local e horário: inscrições via Internet pelo site www.ufrgs.br/aramis.
Informações: 3316-4259 ou pelo e-mail portalaramis@ufrgs.br

Pós-graduação em Bioquímica

O Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Básicas da Saúde recebe inscrições para os cursos de mestrado e doutorado em Bioquímica. Período de inscrições: 19 a 29 de dezembro. Local e horário: Secretaria do PPG em Bioquímica, de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h
Informações: 3316-5538, 3316-5539, ou através da página www.ufrgs.br/cpgbioq.

Debate sobre a ditadura

Atividade promovida pelo grupo organizador do curso História do Cinema para Vestibulandos em parceria com o Movimento pela Abertura dos Arquivos da Ditadura. Será exibido um filme (ainda não definido pela organização), seguido da realização de uma mesa-redonda sobre a ditadura militar, a abertura dos arquivos e a memória histórica. Participam como palestrantes professores, sobreviventes da ditadura e acadêmicos da Universidade que pesquisam o tema.
Data: 17 de dezembro, sábado.
Local e horário: Sala Redenção, às 14h
Entrada franca

Desigualdade brasileira

O Programa de Pós-graduação em Sociologia promove duas palestras com Marcelo Medeiros, diretor do International Poverty Centre, vencedor do prêmio Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais 2004 de melhor tese.
Datas: 8 e 9 de dezembro, quinta e sexta
Local e horário: auditório da Faculdade de Ciências Econômicas, às 14h
Entrada franca

Educação anti-racista

Debate sobre a questão racial promovido pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-reitoria de Extensão. O evento integra a terceira jornada de estudos - A África em nós: branquitude e branqueamento na educação étnico-racial e terá a presença da professora Iray Carone, da Universidade Paulista (Unip), que estuda a questão do "ideal do branqueamento" como sistema ideológico da elite brasileira.
Data: 9 de dezembro, sexta-feira
Local e horário: auditório da Faculdade de Ciências Econômicas, às 14h
Entrada franca

Curso para professores de Matemática do Ensino Médio

O Instituto de Matemática da UFRGS, em parceria com o Instituto de Matemática Pura e Aplicada do RJ, realizará um curso intensivo sobre tópicos de Matemática do Ensino Médio.
Data: 23 a 27 de janeiro, segunda a sexta
Local e horário: a ser definido
Inscrições gratuitas até 31 de dezembro no Instituto de Matemática ou pelo site http://www.mat.ufrgs.br/~edumatec/cursopm/divulgacao.htm
Informações: 3316-6189

CINEMA/DVD/VÍDEO

Maratona de vídeos fabicanos

Apresentação de filmes de ficção e documentários produzidos pelos alunos da Fabico em 2005. Promoção do Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão e dos Núcleos de Ensino e Produção em Televisão e de Cinema e Comunicação da Fabico, com o apoio do Laboratório Eletrônico Arte & Design.
Data: de 7 a 9 de dezembro, terça a sexta
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

7/12 - Linguagem de vídeo: Bala de Prata (ficção, 15min), Putaquiopariu (ficção, 14min 13seg), Efêmero (ficção, 17min 30seg), Que merda! (ficção, 15min), Estricnina (ficção, 12min 25seg), Eggo Frito (ficção, 30min), Profiteroles úmidos (ficção, 10min), Três maris (ficção, 11min 23seg), Abeuicaim (ficção, 15min 17seg), Entreatos (ficção, 15min), História de amor à primeira vista (ficção, 14min 44seg), Bandeira um (ficção, 12 min 33 seg), Consciência limpa (documentário, 14min 37seg), Nascer, crescer e viver (documentário, 10min 25seg).

8/12 - Produção, edição e direção de imagem; Técnica de cinema e TV;

MÚSICA

1ª Mostra Vocal do IA

Aulas abertas à comunidade e espetáculos de música apresentando diversos segmentos do trabalho desenvolvido na área vocal do Departamento de Música do Instituto de Artes
Data: de 5 a 9 de dezembro, segunda a sexta
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes, em horários alternados
Entrada franca

Telejornalismo II: Banda abril (vídeo-clip, 4min), Ai, caramba! (ficção, 1min), Arte erótica (ficção, 1min), Cotovelos (ficção, 1min), Uma só carne (ficção, 1min), Mãos (ficção, 1min), ISBG (ficção, 1min), Três é demais (ficção, 1min), O mundo todo em suas mãos (documentário, 7min 40seg), E o quêco? (documentário, 17min 42 seg), Governança em tecnologia da informação (documentário, 10min), Olhares insanos (10min25seg), Catedral metropolitana (10min44seg), Vale dos vinhedos (16min46seg), Parque Farroupilha 70 anos (11min06seg), Neonazismo (9min 4seg), Acolhida (documentário, 13min), Praça da Alfândega (documentário, 10min), Como assim, currículo? (documentário, 14min).

9/12 - Projetos de vídeo, especialização e extensão: História de bar (ficção, 16min 40seg), Macarrão, pão e feijão (documentário, 9min), Esquizofrenia (documentário, 18min 24seg), Café Científico (documentário, 4min 7seg), TV HQ - Comiccon (documentário, 16min 34seg), Projeto Cinema, Pesquisa e Extensão (documentário, 8min 30seg), Projeto Colink (documentário, 17min), Águas urbanas (10min), Dossiê Viva Mais (documentário, 20min), Grupo música na cultura midiática (documentário, 15min).

Música eletrônica acusmática

Apresentação de música eletrônica para a orquestra de alto-falantes coordenada pelo professor Eloy Fritsch. As composições são concebidas através de técnicas de síntese e processamento de som.
Data: 13 de dezembro, terça-feira
Local e horário: Museu da UFRGS, às 12h30min
Entrada franca

Eliane Moro, uma contadora de histórias

Leitura Apaixonada pela vida e pela Biblioteconomia, a professora diz que aprende com seus alunos

Ademar Vargas de Freitas

Em matéria de paixão, a professora Eliane Moro não deixa dúvidas. É apaixonada pela vida e pela biblioteconomia. Na biblioteconomia, prioriza a questão da educação, da inclusão, da leitura como prazer. Acha que as bibliotecas públicas deviam estar sempre abertas e incentiva a criação de bibliotecas escolares, pois acredita que a maioria dos jovens de hoje, se não lê um livro durante a escola, acaba nunca lendo nada.

“Falta uma política séria de leitura, faltam acervos atualizados, faltam livros em braille, faltam prédios adaptados para cegos e cadeirantes, falta leitura. As bibliotecas não deveriam fechar nunca, nem para o almoço nem para o jantar, nem aos sábados, domingos e feriados.”

Ela diz que aprende muito com os alunos, desde adolescentes recém saídos do ensino médio até profissionais com dois ou três cursos de graduação. E também já aprendeu muito nos projetos de extensão. “Eu achava que aluno voluntário só participava quando tinha vontade, mas vejo que aluno voluntário é aquele que tem paixão.”

Eliane nasceu em Nonoai, no dia 23 de fevereiro de 1953. Quando ela tinha três anos, o pai, Adão Cidinei da Silva, funcionário da Secretaria de Agricultura, foi incumbido de organizar o toldo indígena de Votouro. Aí ela viveu até os seis anos, entre crianças caingangas, em contato com a natureza, cercada de animais domésticos e silvestres. Seu companheiro de aventuras foi o irmão, Ivonei, nascido logo depois dela. Quando a família se mudou para Erechim, a mãe, Ivone Maria, teve mais duas filhas, Suzyane e Cláudia.

Olha o DOPS – No início da década de 70, em plena ditadura militar, Eliane começou a fazer política estudantil depois de trocar o colégio de freiras por uma escola pública, onde completou o Curso de Magistério. Na Associação Erechinense de Estudantes (AEE), enfrentou e venceu a chapa liderada por um militar-estudante.

A Associação não tinha sede própria, e as reuniões eram feitas na Câmara dos Vereadores, às vezes, abaixo de falsos avisos de que agentes do DOPS (órgão de repressão da ditadura) estavam para in-



Eliane e seu grupo de contadores de histórias

FOTOS: FLAVIO DUTRA

vadir o recinto. Na gestão seguinte, Eliane já estava formada, mas a chapa que se elegera continuou o trabalho e construiu a sede num terreno doado pela Prefeitura.

Enquanto presidiu a Associação, Eliane manteve o programa *Notícias da AEE*, sábados à noite, numa rádio local, promovendo bailes e festas. “No aniversário da cidade, dia 30 de abril, a gente se divertia até a madrugada, esperando o sol nascer para participar da solenidade do Dia do Trabalhador, 1º de maio.”

Iariê – Em função do programa de rádio, Eliane foi chamada para apresentar um programa infantil no Canal 2, retransmissor da RBS. Nessa época, a TV ainda não tinha lâmpadas frias, o calor passava dos 40°C e tudo era feito ao vivo. “Para marcar o tempo e evitar erros, o chefe das câmeras ia dando sinais para mim. Era um rapaz muito bonito, e de tanto olhar para ele acabei me apaixonando. Foram cinco anos de namoro até casarmos.”

Pela manhã, Eliane trabalhava na TV, à tarde, fazia o Curso de Letras e, à noite, lecionava num curso supletivo. Após concluir Letras, foi convidada pelo prefeito a assumir a direção da Biblioteca Pública. Queria fazer Biblioteconomia, mas só havia curso na UFRGS, em Porto Alegre, e na UFRG, em

Rio Grande, e ela não queria deixar a casa dos pais. Então, passou a fazer cursos de extensão. Ia a Passo Fundo, vinha a Porto Alegre. Por essa época, fez concurso para professora do Estado e foi trabalhar na 15ª Delegacia de Educação, como supervisora de bibliotecas escolares.

Em 1977 casou com Nery. No ano seguinte, nasceu o primeiro filho, Juliano; dois anos depois, nasceu Márcio. Em seguida, a família veio morar em Porto Alegre, onde já estavam o pai, a mãe e os três irmãos. Foi lecionar no Colégio Estadual Antão de Faria, na Vila Bom Jesus e, finalmente, pôde fazer Biblioteconomia na UFRGS.

Em 1984, nasceu Gabriela; em 1986, nasceu Guilherme. Para não perder o ritmo a que já estava acostumada, foi trabalhar à noite como bibliotecária no Colégio Estadual Rio Branco, em Petrópolis (ficou 15 anos nessa função, em que contava histórias para as crianças).

No Curso de Biblioteconomia, foi aluna de Zaira Petry e começou a se aproximar do Núcleo da Hora do Conto. Quando o então secretário de Educação Ruy Carlos Ostermann criou o Centro do Livro e Bibliotecas Escolares, Eliane foi convidada a trabalhar na equipe coordenada pela professora Mara Jardim.

Nessa função, viajava muito para o interior, promovendo reuniões com professores para falar sobre a importância da leitura, da biblioteca escolar e da contação de histórias. “Às vezes, vinha em casa, olhava as crianças e já voltava para a rodoviária.” Foi quando abriram concurso para ocupar uma vaga na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação na área de incentivo à leitura, literatura aplicada à biblioteconomia e organização de bibliotecas escolares. Deu ela.

ENTRE CURUMINS

“Aprendi muitas palavras em caingang e muitas músicas. Quando morria um índio, eles cantavam hinos lindíssimos. As índias gostavam de usar vestidos vermelhos e carregavam as crianças pequenas num cesto levado às costas, sustentado por uma tira que passava pela testa. Até hoje, quando encontro um grupo de índios, me aproximo para conversar. Quem sabe se ainda encontro um ex-colega de aula?”

GOSTOU? LEVA

“Livro tem cheiro, tem sabor, a gente toca, usa todos os sentidos nele. Então, tem livros que a gente não dá de jeito nenhum, é o livro afetivo. Mas eu não sou muito de guardar livro. Até porque, onde estou, sempre tem uma biblioteca. Então, não preciso ter a posse. Eu dou muitos livros, principalmente de literatura infantil ou infanto-juvenil. Vai uma criança na minha casa, pegou o livro, gostou, leva.”

LIVRO-REMÉDIO

Acho que o Clínicas é o único hospital do Brasil com biblioteca catalogada e informatizada para pacientes adultos, organizada por nós a partir de mil exemplares doados. Além de livros, que podem ser levados para o leito, tem revistas, vídeo, televisão. Às vezes a chefe da recreação relata, penalizada, que um paciente teve alta e levou o livro que estava lendo. E eu digo: Que bom, é sinal de que aquele livro funcionou como um remédio.”

UM CHOQUE

“Numa escola da Vila Bom Jesus, sugeri que os alunos escrevessem sobre seus brinquedos preferidos. Quando comecei a ler os textos, levei um susto: aquelas crianças não tinham brinquedos, nem sabiam o que era brincar. Foi um choque. Se não existe brincar, não existe afeto. E, sem afeto, como trabalhar com aprendizado? Para muitos, a brincadeira mais comum era surrupiar granulados no boteco da esquina.”

Ela descobriu no aluno voluntário um apaixonado

Hora do Conto, hora de fazer trocas com as crianças

Na Fabico, Eliane coordena o Núcleo da Hora do Conto, que tem vários projetos de extensão, inclusive o de Contação de Histórias na Sala de Recreação da Pediatria do Hospital de Clínicas. Todas as sextas-feiras à tarde, mesmo nos feriados, alunos da Biblioteconomia, do Jornalismo, da Publicidade e Propaganda, da Pedagogia e da Educação Física contam histórias para as crianças internadas, usando fantoches ou vestindo um avental em que vão colando figuras.

A sala, no décimo andar do HC, oferece vídeos, jogos e computadores mas nada é concorrência para as histórias, contadas também para as crianças da UTI e para as que não podem sair dos quartos. Ao todo, quase uma centena de pacientes ouvem as histórias, que muitas vezes



As crianças podem encontrar nos livros o prazer que tiveram ao ouvir histórias

as ajudam a lidar com situações de perda. “É um projeto de paixão, uma forma de estimular a leitura, queremos que a criança entenda que vai

encontrar em outros livros o prazer que teve ao ouvir a história.”

Os integrantes da Hora do Conto também se apresentam na Creche

Amigo Germano, que acolhe 60 crianças de quatro a seis anos de idade, quase todas com intensas histórias de medo e violência. A maioria vai à creche por causa da merenda. Seguidamente, o grupo leva alimentos. E, quando chega o Natal, faz campanha de arrecadação de brinquedos de R\$ 1,99. “O presente é simples, mas o olhar de gratidão que a gente vê no rosto dessas crianças é algo impressionante. Às vezes é o único presente que recebem no Natal.”

Elaine diz que quanto mais faz mais se sente comprometida a fazer, embora tenha consciência de que sozinho não se muda nada. E só com o discurso também não.

“Nunca se deve acreditar que um sonho é impossível de ser realizado. Nada é impossível, e o importante é compartilhar os sonhos.”



A lata mágica

Em tempos de tecnologia digital, grupo faz imagens com latas e papéis fotográficos



Maisa Del Frari



Maisa Del Frari



Maisa Del Frari



Rafael Johann

O grupo Lata Mágica é composto por Maisa Del Frari, Paula Biazus e Rafael Johann, dos cursos de Jornalismo e de Artes da UFRGS

Flávio Dutra

A fotografia começou o seu inventário do planeta em 1839. Desde então, acompanhamos imagens que nos mostram um mundo que se estende dos menores detalhes das coisas mais próximas às mais impensáveis manifestações do universo.

Nestes pouco mais de 160 anos de existência, o equipamento fotográfico passou por inúmeras evoluções técnicas. Entretanto, das grandes câmeras que utilizavam negativos feitos a partir de chapas de vidro, passando pela invenção do filme em rolo no final do século XIX e, mais tarde, pela revolução das câmeras de pequeno formato e do filme 35mm, nenhuma mudança tecnológica foi tão impressionante como a que testemunhamos hoje, com a passagem da fotografia analógica para a fotografia digital.

Nessa mudança, entre ganhos e perdas, progressivamente deixamos de utilizar filmes, abandonamos reveladores e fixadores, deixamos de trabalhar no quarto escuro do laboratório. Ganhamos (?) tempo. O que restava de artesanal nesta atividade, passa para a esfera dos bytes, do código binário. Como em quase todas as áreas da vida, não mais habilidade manual, mas "pós-produção" – ajustes eletrônicos de curvas, de níveis, formatos de arquivos. Uns e zeros. Na fotografia digital, trocamos o aguçamento da percepção de como o mundo se move pela certeza de simplesmente olhar o visor atrás da câmera.

Na contramão disso, o grupo *A Lata Mágica* trabalha com a fotografia no que ela tem de mais rudimentar, utilizando alguns dos seus princípios básicos: uma câmera escura e um suporte sensível à luz, elementos suficientes para produzir imagens semelhantes às geradas pelas mais avançadas máquinas eletrônicas.

Esta simplicidade possibilita a produção de trabalhos que o grupo desenvolve em oficinas com comunidades carentes, ensinando fotografia e, a partir dela, o desenvolvimento do olhar e da sensibilidade para o que está ao redor, no mundo. As fotografias desta página foram feitas com câmeras montadas a partir de latas, também conhecidas como estenopéicas ou (no inglês) *pinhole*, e fazem parte do projeto *Olhar Passageiro*, que foi apresentado em 2003, como exposição, nos vidros de ônibus da cidade de Porto Alegre.



Paula Biazus



Rafael Johann